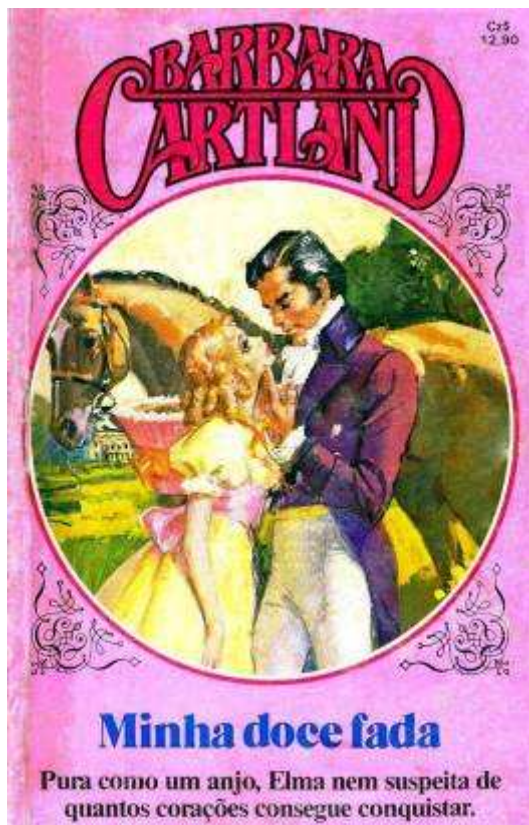


Minha Doce fada

Barbara Cartland



Coleção Barbara Cartland nº 154

Título original: "A witch's spell"

Copyright © Barbara Cartland 1985

Tradução: Ercília Magalhães Costa

Copyright para a língua portuguesa: 1986

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA. — São Paulo

***Este Livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos.
Sua comercialização é estritamente proibida.***

Digitalização: Palas Atenéia

Revisão: Judith Lima

O marquês de Deverille ajoelhou-se para examinar a pata ferida de seu cavalo puro-sangue. Como por encanto, surgiu à sua frente a jovem mais linda que ele já tinha visto. Fascinado, admirou a figura etérea, semelhante a uma fada de cabelos loiros. Nesse instante, num ímpeto viril e apaixonado, decidiu possuir Elma a qualquer custo.

Sem desconfiar do perigo, ela se aproximou e ofereceu ajuda. Arrependeu-se da própria imprudência no momento em que se viu envolvida por dois braços... Os braços fortes do senhor de Deverille!



CAPÍTULO I

1818

Voltando da fazenda com uma cesta de ovos no braço, Elma cantarolava uma canção, como se estivesse contando uma história para si mesma.

Por ser muito só, ela invariavelmente enchia de vida suas tarefas diárias, fingindo ser as personagens mais diversas: ora, transformava-se na esposa de um xeique árabe, ou na filha de um explorador, procurando tesouros ocultos pelos astecas. Outras vezes, era uma mergulhadora em busca de pérolas.

Assim que chegou ao fim da estreita alameda que conduzia à Fazenda Madressilva e estava para alcançar a estrada que tomaria para chegar à vila, Elma ouviu a voz de um homem que praguejava, em tom de desespero:

— Maldição!

Elma espantou-se, pois os camponeses costumavam ser pessoas calmas e tementes a Deus, e nunca reclamavam da sorte.

Curiosa, andou depressa em direção ao som, deparando com um cavalo de raça extremamente belo.

Encantou-se com o animal e notou que o cavaleiro que o montava estava abaixado e segurava uma das patas traseiras do cavalo.

Logo percebeu que o cavaleiro examinava o casco do cavalo, que havia, com certeza, perdido uma ferradura.

Uma cena dessas era comum por ali, porque as estradas eram irregulares. Além disso, Elma suspeitava de que o atual ferreiro do lugar não era tão habilidoso quanto seu antecessor.

Olhando melhor para o animal e seu dono, constatou que nunca os vira por aquelas redondezas.

Apesar disso aproximou-se, disposta a auxiliar.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa?

Sem se dar ao trabalho de levantar a cabeça, o cavaleiro continuou curvado, a atenção fixa no casco do cavalo.

— Não. A menos que você tenha alguma coisa que me ajude a arrancar esta ferradura! — respondeu.

Seu tom brusco revelava irritação, mas sua voz era pausada, com uma pronúncia levemente arrastada.

O irmão de Elma lhe dissera que esse modo de falar era considerado elegante entre os almofadinhas de Londres, inclusive para os aristocráticos hóspedes de seu tio, o conde de Millbrooke. Eles conversavam daquela maneira pitoresca.

Continuando a observar o cavaleiro, imaginou que ele devia vir de Londres; todavia não podia ver-lhe o rosto, pois ele continuava com a cabeça abaixada.

Aproximando-se, percebeu o que o aborrecia tanto: uma das ferraduras do belo animal estava quase solta, mas ele não conseguia removê-la, porque ainda estava presa por um dos cravos.

Elma estava acostumada a ver acidentes desse tipo, pois sempre aconteciam com os cavalos montados por Peter, seu irmão.

Sem dizer nada, depositou a cesta no chão e pôs-se a procurar alguma coisa. Um segundo mais tarde achou o que queria: uma pedra grande e achatada.

Apanhando-a, aproximou-se do cavaleiro, que continuava a lutar para desprender a ferradura do casco do cavalo.

— Deixe-me tentar — pediu.

Ainda sem fitá-la, ele se afastou um pouco, continuando a segurar a pata do animal. Elma abaixou-se e pôs a pedra por baixo da ferradura, de modo a criar uma espécie de alavanca.

Com um pouco de força, mas principalmente de jeito, fez um movimento de pulso e a ferradura, com o cravo e tudo, caiu no chão, produzindo um tinido.

Surpreso, o cavaleiro repousou novamente a pata do animal no chão, ergueu-se e disse:

— Fico-lhe extremamente grato. Por favor, diga-me onde posso encontrar um ferreiro.

Enquanto falava, ele apanhou a ferradura que se encontrava no chão. Então, pela primeira vez, voltou-se para ver a pessoa que fora tão gentil e habilidosa ao ajudá-lo.

Quando se abaixara para tirar a ferradura do animal, Elma empurrara para trás o chapéu que usava para proteger-se do sol, deixando-o cair pelas costas, ficando preso ao pescoço pela fita com que costumava amarrá-lo.

Os cabelos dela, que não seguiam qualquer estilo, eram encaracolados e emolduravam-lhe o rosto de maneira natural, tornando-a muito atraente. A luz do sol aivava o lindo tom loiro que lembrava o amarelo vivo dos narcisos que, na primavera enchiam os campos de alegria, ou dos primeiros jasmims que desabrochavam logo após o inverno ou, ainda, do milho, quando começava a dourar os campos no outono.

Quem a fitasse ficaria encantado com seus cabelos e com certeza pensaria que aquela tonalidade singular, tão viva, não poderia ser natural, atribuindo-a a uma pintura bem-feita.

A luminosidade e a beleza de sua pele rosada eram realçadas pelos lindos olhos azuis que também de maneira incomum, possuíam o tom intenso de uma flor dos Alpes.

Quanto ao desconhecido cavaleiro, havia em seu rosto uma expressão indefinível: um misto de frieza, ceticismo, desdém e mesmo ironia. No entanto, ao fitá-la, ele não conseguiu disfarçar uma expressão de puro espanto.

Tampouco ela permaneceu indiferente diante daquele homem, cujos olhos revelavam tanta amargura.

Os cabelos daquele estranho eram escuros, suas feições bem delineadas e as sobrancelhas grossas quase se encontravam logo acima do nariz. No olhar, ele trazia uma sombra de enfado e uma expressão quase desdenhosa, como se desprezasse tudo e todos, vendo o mundo com absoluta descrença.

Os dois se encararam por alguns momentos, até que o cavaleiro disse, secamente:

— Você me faz acreditar que as histórias que contam sobre as lindas vendedoras de leite não são, afinal, nada exageradas! — Havia uma leve curva em seus lábios, formando quase um sorriso. De repente, ele acrescentou: — Ah, claro! Devo também admitir que você tem mais uma qualidade: é bastante inteligente!

Dito isso, tirou algo do bolso e colocou uma moeda nas mãos de Elma, concluindo:

— Eis uma contribuição para seu dote. Sei que logo encontrará um belo e jovem fazendeiro, que a fará feliz.

No momento em que ela ia abaixar o olhar para ver o que ele lhe entregara, o misterioso cavalheiro aproximou-se alguns passos e, erguendo-lhe o queixo com os dedos, obrigou-a a encará-lo.

Antes que Elma compreendesse o que acontecia, ele se inclinou e beijou-a nos lábios.

Naqueles poucos segundos, Elma sentiu-se cativa nos braços fortes daquele desconhecido, sem poder ao menos mover-se ou respirar direito.

Sua mente lhe ordenava que lutasse contra aquele beijo, que era, na verdade, um insulto. Mas, antes que ela pudesse tomar qualquer atitude, o cavalheiro soltou-a e, com a agilidade e graça de um homem atlético, saltou sobre seu cavalo.

Elma permaneceu parada, fitando-o, o espanto impresso no rosto.

Antes de partir a galope, ele acrescentou, zombeteiro:

— O fazendeiro com que você se casar vai ser um homem muito feliz! Pode contar a ele que eu lhe disse isso!

Olhando para a nuvem de poeira que o cavalheiro deixava atrás de si, Elma se perguntou se não estivera sonhando.

Só quando o desconhecido desapareceu de vista foi que ela se deu conta de que agira como uma tola. Como pudera deixar-se beijar por um estranho?!

Fora a primeira vez em que um homem a beijara.

Olhando para o que tinha nas mãos, viu que se tratava de um guinéu de ouro. Não! Ela não podia acreditar que aquilo tudo fosse real!

Costumava andar sozinha pelos arredores da vila onde morava, e todos a conheciam.

Jamais lhe passara pela cabeça que um desconhecido pudesse estranhar não só a atitude dela, mas também suas roupas, tomando-a por uma camponesa vendedora de leite.

Elma usava um vestido de algodão, já gasto, que depois de muitas lavadas encolhera e estava apertado. Seu chapéu, que a acompanhava desde criança, também se encontrava desbotado.

Mesmo assim, ela não se sentia nada parecida com Molly, a ordenhadora e vendedora de leite que ajudava o pai, um sitiante de Little Brookfield.

Tampouco se julgava semelhante às mulheres de meia-idade que trabalhavam na Fazenda Madressilva, muitas delas empregadas ali há uns vinte anos.

— Uma vendedora de leite — murmurou, pensando no quanto seu pai ficaria zangado ao descobrir o ocorrido.

Apesar disso, Elma era obrigada a admitir que tudo acontecera por sua própria culpa. Errara ao oferecer ajuda a um estranho, sem antes lhe explicar quem era.

No entanto, julgara impossível que um cavalheiro deixasse de notar que suas maneiras e seu modo de conversar pertenciam a uma pessoa educada e de maneiras elegantes.

Ao mesmo tempo, ser beijada por um desconhecido constituía um insulto para uma jovem. Não importava que ele a considerasse uma simples vendedora de leite ou que quisesse apenas mostrar-se agradecido pela ajuda.

Lamentando não só o insulto, mas também a humilhação, Elma teve vontade de

atirar ao longe aquela moeda de ouro e rezar para que ninguém jamais tomasse conhecimento do incidente.

Entretanto, jogar fora o dinheiro seria um grande desperdício, quase um pecado. Com um guinéu, ela poderia comprar muitas coisas para seu pai e também para os pobres e doentes que havia na vila.

Eram tempos difíceis aqueles de pós-guerra, e muitos jovens estavam desempregados.

Os que não tinham a sorte de trabalhar na mansão ou nas terras do conde, precisavam conseguir seu sustento cultivando uma pequena horta ou criando galinhas.

Ainda indecisa, Elma olhou de novo para o guinéu. Se o depositasse na caixa de esmolas da igreja, seu pai ficaria muito feliz e iria abençoar bastante seu anônimo benfeitor.

Mais uma vez, a lembrança do beijo do desconhecido voltou-lhe à mente, fazendo-a indignar-se.

— Que audacioso! Como ousou fazer uma coisa dessas? Uma mulher não está segura nem andando pelas alamedas de um lugarejo como este... Isso é revoltante!

A irritação que a dominou foi tão grande que sua mão se fechou, apertando com força a moeda de ouro. Devia ter devolvido aquele dinheiro no instante em que o recebera. Da mesma forma que devia ter adivinhado quais eram as intenções do desconhecido, assim que ele tocara em seu queixo.

Mas nunca lhe passara pela cabeça que um homem completamente estranho e que a via pela primeira vez fosse beijá-la daquele modo.

Porém, como sempre ouvia Peter comentar que os almofadinhas de Londres agiam dessa forma, ela deveria ter-se posto em guarda ao ouvir o desconhecido praguejar. Além do mais, pelo modo que ele falava e pelo cavalo magnífico que possuía, Elma podia imaginar que aquele homem não passava de um galanteador londrino.

— Ah, eu o detesto! — disse, em voz alta.

Embora estivesse furiosa, voltou a pensar naquele beijo, o primeiro de sua vida; se bem que nada parecido com o que ela sonhara.

Sempre imaginara que um beijo entre um homem e uma mulher seria algo muito suave e apaixonado, capaz de trazer à lembrança dos amantes imagens maravilhosas como flores, música e as primeiras estrelas que começavam a pontilhar o céu, hesitantes ainda, num começo de noite.

Os lábios do desconhecido, no entanto, tinham sido duros, possessivos, e a haviam feito sentir-se prisioneira.

— Se os beijos são assim, não me fazem falta! — exclamou, ainda sem se mover.

No íntimo, porém, sabia que isso não era verdade. Como queria amar e ser amada!

Em suas fantasias e nas histórias que contava para si mesma, o amor tinha o poder de transportá-la aos mais altos pontos da Terra, ou de fazê-la viver aventuras emocionantes numa selva bravía. Nessas fantasias, a heroína sempre encontrava o cavalheiro de seus sonhos e no final ambos se casavam e viviam felizes para sempre.

Entretanto, até aquele momento, o herói da vida de Elma não tinha um rosto definido. De uma coisa, porém, ela estava certa: o homem que há pouco a beijara era, em suas histórias, o vilão.

Ao lembrar-se das feições daquele homem, Elma viu à sua frente o olhar sombrio e o meio sorriso que lhe emprestavam um ar ao mesmo tempo amargo e irônico. Teve

então certeza de que o elegante desconhecido parecia não um vilão, mas o próprio diabo.

“Talvez ele seja mesmo o demônio...”, pensou, erguendo a cesta do chão e retomando o caminho de casa.

Enquanto caminhava, ela imaginava o que sua mãe diria caso lhe contasse que vira o próprio diabo na alameda Chanter e que ele a beijara!

Mas, se isso fosse verdade, então ele a transformara numa feiticeira.

Elma já ouvira várias histórias fantásticas, contadas a meia voz pelos moradores da vila. Eles acreditavam que, nos densos bosques escuros que cobriam parte das terras de seu tio, realizavam-se festas satânicas para as quais mocinhas ingênuas eram atraídas.

Ninguém sabia, por exemplo, como explicar o que acontecera com a pobrezinha da Betsy. Ela estava em perfeita sanidade mental antes de ir a uma dessas festas; todos diziam que fora o próprio Satã quem a enlouquecera.

A mãe de Elma lhe explicara que essas histórias não passavam de um amontoado de tolices, e que o problema de Betsy fora uma lesão cerebral, sem possibilidade de recuperação.

As pessoas simples, porém, preferiam acreditar que Betsy era filha do demônio. E até pareciam gostar de sentir um estremecimento e uma forte vibração quando a jovem camponesa passava perto deles.

Como ela murmurava sons ininteligíveis enquanto andava pelas ruas, todos achavam que ela rogava pragas às pessoas de quem não gostava.

Havia outro caso sobre uma mocinha que fora ao bosque durante várias noites seguidas e finalmente se espiritualizara e desaparecera por completo, pois ninguém jamais tornara a vê-la.

Na época, o pai de Elma explicara ao pessoal o que de fato acontecera. Exatamente duas semanas antes, um rapaz de Londres aparecera na vila e também sumira... Portanto, bastava ligar os fatos e concluir que o incidente não tivera nada de sobrenatural.

Mas os moradores do lugar cultivavam suas convicções e não duvidavam de que o destino da jovem fora o mesmo do de Betsy. Ela se juntara às orgias do diabo, e este a transformara em uma das suas pobres vítimas.

Para Elma, entretanto, parecia improvável que o diabo aparecesse num cavalo lindo como aquele puro-sangue do cavalheiro desconhecido. Ademais, duvidava que o demônio se vestisse com roupas tão elegantes, feitas, com certeza pelos mesmos alfaiates do príncipe regente.

Peter sempre dizia que apenas esses alfaiates eram capazes de fazer um casaco com talhe tão perfeito.

Ao pensar no irmão, Elma desejou encontrá-lo em casa quando chegasse. Sem dúvida, ele acharia divertida sua experiência, embora nem mesmo para o irmão, a quem adorava e revelava todos os seus segredos, iria contar que fora beijada por um estranho.

"Peter riria de minha tolice!", disse para si mesma. "Ao passo que papai ficaria furioso..."

Não acontecia com frequência de seu pai zangar-se com qualquer coisa, pois era um homem de natureza bondosa, alegre e amável.

Mas Elma notara que ele passara a tratá-la de modo diferente, agora que a julgava uma mocinha. O reverendo não gostava das atenções que os rapazes lhe davam, quando iam à casa paroquial, e costumava dizer à esposa que considerava os cavalheiros muitas

vezes impertinentes.

Mesmo sabendo que não era direito escutar o que os outros falavam, muitas vezes Elma detivera-se perto das portas, a fim de ouvir trechos das conversas dos pais.

— Elma já é uma mocinha, querido — dissera a mãe, uma vez. — Além disso está muito bonita e adorável. Portanto, você só pode esperar que os rapazes prestem atenção nela. Sinto apenas que aqui não existam muitos rapazes dignos de nossa filha.

— Acho que ainda é cedo para que alguém queira cortejar nossa Elma, sejam eles quem forem — retrucara o reverendo Stanton Brooke, em tom incisivo.

— Ninguém faltará ao respeito com ela, querido. Inclusive, eu gostaria que seu irmão e a esposa fossem mais gentis e convidassem Elma para as festas que oferecem na mansão. Afinal, nossa filha tem a mesma idade de Marilyn.

Ouvindo aquilo, Elma deixara escapar um pequeno suspiro e se afastara.

Sua mãe ressentia-se com o fato de o cunhado, o conde de Millbrooke, e a esposa praticamente ignorarem a existência da sobrinha.

Desde que completara dezoito anos, Elma não fora convidada sequer para uma das inúmeras festas que os tios ofereciam na mansão para Marilyn, sua prima.

Elma sabia melhor que a mãe qual era a verdadeira razão de os tios agirem daquela maneira: Marilyn sentia ciúme dela.

Quando crianças, as duas primas haviam estudado juntas, mas sempre existira algum ressentimento por parte de Marilyn, que achava a outra mais inteligente. Esse ciúme se intensificara há um ano, e Marilyn nunca perdia uma oportunidade de menosprezá-la.

Como não havia o que criticar no lindo rosto de Elma, Marilyn fazia pouco das roupas que a prima usava.

— Seu vestido está quase um farrapo — dissera ela, certa manhã, quando Elma acabara de chegar. — Não sei como agüenta sair assim, parecendo um espantalho!

— A resposta é simples: seu pai é rico, ao passo que o meu é muito pobre!

Apesar de tudo, não havia ressentimento nessas palavras e Elma até sorria. Marilyn, porém, zangara-se e arranjava outra arma para ferir a prima. A diferença social que havia entre as duas parecia uma injustiça a Elma, mesmo depois de sua mãe ter-lhe explicado que era tradicional o filho mais velho de uma família nobre herdar tudo e os mais novos praticamente nada.

— Mas por quê, mamãe? — indagara ela, inconformada.

— Grandes propriedades como a de seu tio John devem passar intactas de pai para filho. Se as terras, assim como o dinheiro, comessem a ser divididos entre outros membros da família, em pouco tempo não haveria mais grandes senhores de terra, tampouco grandes fortunas.

Durante a breve pausa que se seguira, a mãe lhe acariciara os cabelos, antes de continuar:

— É por isso que nas grandes famílias aristocráticas os filhos mais velhos herdam tudo, até o título. O segundo filho geralmente faz carreira no Exército ou na Marinha, o terceiro costuma abraçar a vida religiosa e assim dirige as almas que vivem nas grandes propriedades da família.

— Foi por isso que papai tornou-se pastor!

— Exato! Talvez ele preferisse ser soldado, se tivesse que escolher por si próprio. Mas seu pai está muito feliz com sua vida e, como você sabe, é um pastor excelente. Ele

não se importa de ser pobre.

Isso Elma não podia negar. Seu pai era um homem extremamente bondoso, tinha uma natureza dócil e amava seus semelhantes.

Estava sempre disposto a ajudar quem o procurasse e o fazia com a maior boa vontade. Sabia ouvir com paciência e atenção qualquer tipo de problema ou desabafo do pessoal que o procurava, fosse uma pobre velhinha reclamando da saúde e de dores, ou um sitiante com dificuldades para a colheita.

Até os mais jovens, sempre que queriam sair de alguma situação problemática, iam procurá-lo.

— Até formar-me pastor, nunca pensei que houvesse tantos dramas num lugarejo como este. Se eu fosse escritor, criaria vários livros sobre as histórias que ouço todos os dias. Às vezes penso seriamente em me tornar escritor.

— É uma ótima idéia, querido — respondera sua esposa.

— Mas, como você passa seu tempo livre cavalgando, acho que só começará a usar a pena quando já estiver velho para apreciar um bom passeio a cavalo.

De fato, a grande alegria do reverendo, além da de estar em casa com a família, era montar os belos animais que seu irmão possuía e também caçar, durante a temporada.

O conde era bem mais generoso do que a esposa. Era esta quem dificultava as coisas para a família do pastor. E, por causa da tia, Elma fora obrigada a interromper as aulas que recebia de excelentes professores particulares. A condessa não gostava de emprestar nem mesmo os cavalos que enchiam os estábulos da mansão e que ficavam parados sem se exercitar.

Era uma mulher sem atrativos, que não tinha papas na língua e planejava afastar a sobrinha da mansão, afastando assim uma competidora em potencial da filha.

Marilyn, por sua vez, era bonita, embora não tivesse nada de excepcional. Vestia-se com extrema elegância, e suas roupas eram feitas pelos mais famosos costureiros de Bond Street. Seus cabelos estavam sempre impecáveis e eram arrumados por uma aia habilidosíssima. Graças a isso, Marilyn sobressaía em qualquer salão de baile, desde que sua prima não estivesse presente.

Percebendo isso, a condessa de Millbrooke procurava desestimular a aproximação da sobrinha.

A primeira vez em que acontecera de não ser convidada para um baile na mansão, Elma ficara decepcionada e caíra em pranto.

— Como Marilyn pôde me deixar de lado, mamãe? — perguntava ela, entre soluços. — Sempre fizemos tantos planos, sonhando com as festas a que iríamos quando fôssemos crescidas e agora... Era tão divertido! Prometíamos uma à outra que falaríamos das nossas conquistas e contaríamos uma à outra quem seria... nosso eleito...

Comovida, sua mãe a abraçara com força.

— Escute, querida, você precisa encarar a verdade como eu fiz quando aceitei me casar com seu pai... Já deve ter notado que sua tia Edith e até mesmo seu tio John têm mostrado certo desdém por mim.

— Sim, mamãe, cheguei a observar o ar de superioridade deles.

— Isso acontece porque seu avô havia planejado para seu pai um casamento com uma jovem muito rica que, naquela época, morava perto da mansão e já demonstrara amar Stanton.

— Não me surpreendo, mamãe! Papai é tão bonito! Tenho certeza de que todas

as moças que o conheciam, ficavam fascinadas por ele.

— Foi isso mesmo que aconteceu comigo. Eu achava que não existia homem mais encantador do que ele.

— Que emocionante, mamãe!

— Eu era filha de um general que passara a vida defendendo a pátria. Quando se aposentou, papai passou a viver com uma pequena pensão e nunca dispôs de muito dinheiro para os filhos.

— Compreendo... Papai casou-se com você porque a amava e não estava interessado na jovem herdeira.

— Exato. Seu avô e seu tio insistiram em que Stanton pensasse no futuro, implorando que ele fosse sensato. Mas seu pai enfrentou-os, respondendo que faria realmente o mais sensato: casar-se por amor.

— E vocês se casaram e têm vivido tão felizes, não, mamãe?

— Muito, muito felizes, querida! Ao mesmo tempo, sentimos pena de você. Estamos privando-a de todas as regalias que poderia ter graças à sua beleza.

— Oh, mamãe, não diga uma coisa dessas!

— É a pura verdade, querida! Creio que é porque seu pai e eu nos amamos tanto que temos dois filhos tão lindos e de caráter tão bem formado!

Pensando em Peter, ponderou que, de fato, o irmão era extremamente belo, além de possuir excelentes qualidades.

— Você sabe... — continuou a mãe. — Precisamos pagar por tudo que possuímos na vida. Nada é de graça! Sendo tão bonita, o que é uma grande vantagem, você logo vai descobrir que a beleza também tem suas desvantagens, pois nos obriga a conviver com o ciúme e a inveja das outras mulheres. Às vezes, isso traz conseqüências desagradáveis.

Fora exatamente isso que acontecera com Marilyn, magoar, constatou Elma ao ver que já não recebia convites para os bailes na mansão e que a tia a fitava com uma expressão de aberta hostilidade, sempre que a encontrava na igreja.

Às custas de muito esforço, Peter estava concluindo seus estudos em Oxford e, quando se encontrava na casa dos pais, passava horas conversando com a irmã e lhe contando sobre as coisas maravilhosas e excitantes que havia feito tanto em Oxford quanto em Londres, aonde sempre ia na companhia de alguns amigos.

Quando estavam sozinhos. Peter queixava-se por não poder vestir-se como seus colegas, com roupas feitas sob medida, nos melhores alfaiates.

— E os cavalos que eles possuem! — prosseguia o irmão com ar sonhador. — São magníficos! Sei que jamais poderei ter animais como os deles!

Embora cavalgasse os animais do tio, Peter não podia levá-los a Oxford, o que o obrigava a usar cavalos emprestados por algum amigo, ou alugados.

— Odeio ser pobre! — desabafara ele certo dia, numa explosão de raiva.

— Não diga isso perto dos nossos pais, Peter, Eles ficarão magoados.

— Eu sei, mas, quando vou para a mansão, fico doido de raiva. William faz pouco de mim o tempo inteiro e me diminui perante os meus colegas. Sinto vontade de ir às boas com ele e de lhe dar uns murros!

— Nunca faça isso! Só serviria para enfurecer tio John! Aí sim, você não teria chance de sequer montar os cavalos dele. Pense também em papai. Já chega eu ter sido praticamente banida da mansão.

— Papai me contou. Mas não é culpa sua, se Marilyn morre de inveja de você. Sua beleza chega a ser um despropósito, maninha!

— Isso é um elogio?

— Claro! Se pudesse vestir-se de modo mais moderno e fosse a Londres para a temporada, você seria a moça mais disputada em St. James. Eu ficaria muito orgulhoso da minha irmãzinha!

Elma sabia que o irmão não gostava de vê-la privada da vida social, e também que ele se ressentia por ser considerado um pobretão pelos amigos e pelo primo William.

— Por que devo me preocupar com tudo isso? Que vá tudo para o inferno! Quero aproveitar o que a vida me oferece. E pode escrever o que eu digo, Elma. Conseguirei tudo que quero, mais cedo ou mais tarde, por bem ou por mal!

— Claro que vai conseguir! Acredito em você, Peter.

Sorrindo, os dois desceram a escada de mãos dadas, para jantar. Embora simples, as refeições na casa deles aconteciam num clima agradável, onde reinava o amor.

Deixando de lado as divagações, Elma apressou-se e entrou em casa pela porta dos fundos. Ouviu o barulho de louças e de panelas que vinha da cozinha e deduziu que Nanny já preparava o almoço e devia estar zangada porque precisava daqueles ovos.

A bondosa governanta cuidara de Elma desde que esta era ainda um bebê. Agora, já idosa, cozinhava para a família do pastor.

— Já não era sem tempo! — reclamou Nanny, assim que ela entrou na cozinha. — Suponho que vinha pelo caminho sonhando acordada, como é seu costume. E eu aqui tentando adiantar o almoço para seu pai não sair sem comer. A sra. Grainger mandou chamá-lo.

— Sinto ter demorado tanto, Nanny!

— Está sempre com a cabecinha nas nuvens! Qualquer dia desses esquece o caminho de casa.

Pegando a cesta, Nanny colocou-a sobre a mesa e começou a quebrar alguns ovos dentro de uma tigela. Bateu-os rapidamente para preparar uma omelete.

— Por que a sra. Grainger quer ver papai? — indagou Elma, curiosa.

— Acho que ela não anda passando bem de saúde e pensa que vai morrer — disse Nanny, com azedume. — Aliás, tudo serve de desculpa para ela mandar chamar seu pai. Quer que o reverendo fique o tempo inteiro confortando-a e dizendo que Deus e os anjos a esperam. Como se o pastor não tivesse mais o que fazer...

Apesar de parecer mordaz e insensível, Nanny amava todos naquela casa e achava que muitas vezes abusavam da paciência do reverendo.

— Agora, por favor, srta. Elma, ponha a mesa. Não vou deixar seu pai sair sem almoçar primeiro, mesmo que ele me venha com desculpas.

Reprimindo um sorriso, Elma apressou-se em atender o pedido da governanta. Mal acabava de pôr a mesa para três, sua mãe entrou na cozinha voltando de uma visita.

Apesar de a vila ser pequena, o pastor e a esposa viviam ocupados com os paroquianos. Sempre havia alguém precisando da ajuda do pai ou da mãe de Elma, o que tornava difícil a família se reunir.

Ao entrar, a sra. Brooke viu a filha e sorriu.

— Que bom encontrá-la, querida! Estive com a sra. Burles, que não está passando muito bem. Prometi mandar-lhe um vidro de remédio especial para tosse e gostaria que você o levasse depois do almoço.

— Está bem, mamãe.

Lembrando-se de que a filha fora à Fazenda Madressilva, a sra. Brooke perguntou:

— Você esteve na fazenda, não? A sra. Johnson recebeu notícias do filho?

— Não. Até agora, nada.

O semblante da bondosa senhora entristeceu-se. Ela e o marido se preocupavam muito com os paroquianos.

Qualquer problema, fosse uma criança doente, uma pessoa idosa que morria, ou um rapaz que tivesse ido prestar o serviço militar e não mandasse notícias, tudo parecia preocupar o pastor e sua esposa.

De fato, eles faziam suas as alegrias e as tristezas dos moradores de Little Brookfield.

Eram todos como uma família enorme. O mesmo não se dava com o conde e sua família, que viviam cercados de amigos, parentes, conhecidos e no entanto só se preocupavam consigo próprios.

Pensando nos tios e em Marilyn, Elma sentiu uma dor no coração, consciente de que a prima já não a considerava uma amiga, nem queria saber dela.

Tinha sido tão diferente no tempo em que eram crianças! As duas estudavam e brincavam juntas, cavalgando durante horas pelos imensos gramados bem cuidados da mansão.

Como o conde não se casara muito jovem, sua filha e a do irmão caçula eram quase da mesma idade, o que tornava natural que as duas fossem criadas e educadas juntas.

Isso fora ótimo, embora houvesse obrigado Elma a cedo tomar consciência das inúmeras diferenças sociais que as separavam.

Entretanto, apesar de ser uma criança, Elma fora capaz de perceber que em seu lar, uma pequena casa paroquial, havia muito mais harmonia e felicidade do que naquela enorme construção cercada de luxo e conforto. Enquanto na primeira existia um clima alegre, como que inundado pela luz do sol, o da mansão era sombrio e opressivo.

O conde e a condessa não se davam bem. Perante os outros, mantinham as aparências e procuravam agir de maneira amável. Porém, uma pessoa mais observadora perceberia que eles apenas fingiam.

Na intimidade, a condessa achava o marido irritante, enquanto ele, um homem de boa índole, via-se obrigado a reconhecer que não tinha nada em comum com a esposa. Por isso havia sempre, uma tensão entre ambos, fato que não passara despercebido para uma pessoa tão sensível como Elma.

Quando não havia hóspedes na mansão, as duas primas almoçavam sozinhas e eram atendidas pelo mordomo e por três lacaios. Elma preferia a comida simples que Nanny preparava àquelas iguarias, na maioria das vezes exóticas, servidas com tanta formalidade.

Assim, quando voltava à tarde para casa, atirava-se nos braços da mãe e dizia com sua espontaneidade de criança:

— Como amo você, mamãe! Amo esta casa pequena e aconchegante! Gosto quando estamos os quatro aqui, reunidos.

A sra. Brooke compreendia os sentimentos da filha e lhe explicava, então, a importância dos seus estudos. Os ensinamentos que ela recebia das governantas e professoras particulares, especialmente contratadas pelo conde, seriam muito

importantes para seu futuro, e o pastor jamais poderia proporcionar-lhe uma educação assim tão esmerada.

— Acho que deve continuar com as aulas na mansão, querida. Se não quiser ir, poderá ter aulas com seu pai... mas você sabe como ele vive ocupado.

Ainda relutante, Elma costumava abaixar o olhar, esquivando-se de dar uma resposta direta.

— Poderíamos também pedir à sra. Cunningham, que já foi governanta, para lhe dar algumas aulas. Mas a pobrezinha está quase cega.

— Compreendo, mamãe... Na verdade, eu gosto das aulas mas preferia não ficar tanto tempo longe de casa. Além disso posso usar a biblioteca da mansão. O secretário de titk) disse que ninguém se interessa pelos livros da biblioteca, a não ser eu. Sempre que ele organiza a lista de livros que vai comprar inclui nela títulos recomendados para mocinhas.

— Então, não tem mesmo do que se queixar, não? — dizia a mãe com um sorriso.

De fato, Elma precisava admitir que a biblioteca era um dos privilégios a que tinha acesso por freqüentar a mansão. No entanto, preferia entregar-se à leitura quando seus tios encontravam-se fora, pois, às vezes, sentia que não era bem-vinda. Nessas horas, como Peter, prometia a si mesma que algum dia deixaria de depender dos parentes.

Assim que o almoço terminou, o reverendo saiu apressado, a fim de atender ao chamado da sra. Grainger. Dirigia um trole antiquado, puxado por um cavalo novo que ele comprara de um dos sitiantes por um preço acessível.

Elma, por sua vez, pegou o vidro de remédio que a mãe preparara e também saiu, a pé, rumo à casa da sra. Burles.

Os remédios que a sra. Brooke preparava com ervas medicinais, em forma de pomada, loção ou xarope, eram famosos na vila. Mas Elma desconfiava de que as velhas fofoqueiras, as que gostavam de falar sobre o diabo e suas orgias no bosque, achavam que a esposa do pastor era uma feiticeira branca, que usava sua magia para o bem.

— Sua mãe faz verdadeiros milagres — comentara uma das aldeãs, na semana anterior. — Ou então, ela possui poderes mágicos!

A expressão que havia no rosto da mulher revelava bem o que ela estava pensando.

— Mamãe acredita que Deus nos dá meios para combater o mal — retrucara Elma, com firmeza. — Da mesma forma que Deus dá a urtiga que queima nossa pele, dá-nos a folha da labaga-azedada que tira a dor produzida pela queimação.

— Sua mãe tem poderes mágicos! Outro dia usei uma pomada que ela preparou, e uma queimadura muito feia que eu tinha na mão desapareceu da noite para o dia.

— Acho que a senhora deve agradecer às abelhas que produziram o mel que entra na composição da pomada.

Sem dúvida, a mulher não se deixara convencer e preferira contornar, alimentando a fantasiosa versão de que um poder mágico curara sua queimadura.

Aquelas pessoas simples, vivendo em suas casas humildes, cobertas de palha e com seus jardins minúsculos, costumavam atribuir tudo a poderes misteriosos e divertiam-se em fazer comentários sobre a vida alheia.

O pequeno parque da vila, com seu lago, e a hospedaria branca, com janelas e madeiramento pretos, onde antigos fregueses tomavam cerveja em canecas de estanho,

eram os únicos centros de lazer e reunião dos moradores do lugar, além da pequena igreja de pedras cinzentas.

Nada acontecia em Little Brookfield. E a vila recebera esse nome por causa da família Brooke que morava na mansão, chamada pelos aldeãos de "casa grande".

O conde era o dono de tudo: das terras, das casas e dos casebres, e era ele quem oferecia empregos aos mais jovens e sadios. E, claro, pagava também o salário do reverendo que ministrava os serviços religiosos e dava assistência espiritual aos paroquianos.

"Esse pessoal tem necessidade de acreditar em coisas sobrenaturais...", lamentava-se Elma, enquanto seguia pela estradinha.

Admitia que já acreditara nas fadas, gnomos, ninfas e elfos que povoavam as lindas histórias que sua mãe lhe contava. Mas isso fora há bastante tempo, quando ela ainda era uma criança.

Mesmo agora, quando pensava nesses seres imaginários, Elma tinha a impressão de que eles eram reais e habitavam os campos e bosques. A cada vez em que passava por entre as árvores, no meio das folhagens mais densas, era-lhe fácil imaginar que talvez estivesse perturbando os elfos e gnomos, que se refugiavam depressa sob as grossas e salientes raízes.

Outras vezes, Elma cismava que ninfas eram seres etéreos, semelhantes à névoa matinal que se erguia do lago escuro que havia no interior do bosque. E era à beira desse lago que ela gostava de ficar, sempre que sentia vontade de meditar.

No início da primavera, Elma admirava as lindas campânulas azuis que se espalhavam por toda parte. Era uma cena tão maravilhosa que as florezinhas pareciam encantadas. O mesmo acontecia quando, um pouco mais tarde, desabrochavam as primulas e as violetas.

Então, um bulício de vida animava os bosques, os pássaros construindo seus ninhos no alto das árvores e os coelhos movendo-se inquietos dentro de suas tocas subterrâneas.

Assustados, os esquilinhos vermelhos fugiam ao vê-la aproximar-se e, depois, já longe do alcance, ficavam a fitá-la como se estivessem imaginando quem seria aquela jovem que ousara invadir o que eles consideravam seus domínios secretos.

Naquela paz, era tudo tão tocante que Elma só pensava em coisas belas e boas.

Nesse instante, veio-lhe à mente a imagem do homem que a beijara naquela manhã. Talvez ele não fosse humano e tivesse desaparecido ao entrar no bosque, montado em seu magnífico cavalo.

Levando a mão ao bolso e apalpando a moeda de ouro, Elma sentiu que uma raiva súbita a invadia. Não voltara a pensar no incidente até aquele momento, e resolveu passar pela igreja depois de ter entregado a "poção mágica" à sra. Burles.

Chegando à pequena igreja localizada na calçada em frente à sua casa, Elma percebeu que esta precisava de reparos urgentes. Depois, atravessou a nave, andando sobre o soalho antigo e bastante gasto.

O templo de pedras fora construído há três séculos e dava a impressão de que as preces de todos que haviam rezado e cultuado a Deus naquele lugar tivessem deixado suas marcas entre as paredes singelas.

Tanto que o pai de Elma costumava dizer:

— Não podemos apagar os pensamentos. Eles nunca desaparecem...

— O que significa isso, papai?

— Quando rezamos, estamos pensando em algo. Através da prece, enviamos nossos pensamentos para o infinito, como se eles tivessem asas. O pensamento é levado por nossas vibrações, ou talvez por algo muito mais forte, que não podemos compreender, e alcançam a eternidade.

— Que idéia assustadora, papai! Tomarei mais cuidado com os meus pensamentos, daqui para a frente.

— Nem sempre podemos controlar nossas idéias. É assim como a nossa respiração. Acredito que, onde estivermos, deixaremos a força de nossas convicções mais profundas.

Na pequena igreja a atmosfera convidava à reflexão, e ali Elma sempre se sentia rodeada por outras pessoas; pessoas às quais ela não podia ver, mas conseguia perceber, e que também haviam morado em Little Brookfield.

Todas elas tinham levado à igreja suas tristezas e alegrias, e esses sentimentos haviam sido legados à pequena e singela construção para sempre. Era por isso que a casa de Deus inspirava santidade, a santidade feita das alegrias e dores que nos lapidam enquanto vivemos.

Enquanto caminhava pelo templo, Elma experimentava a sensação de estar sendo saudada por inúmeros paroquianos que já haviam partido desta vida. Todos lhe faziam companhia, envolvendo-a na aura do amor, protegendo-a e inspirando-a nos momentos de maior necessidade.

Pegando a moeda de ouro, Elma colocou-a na caixa de esmolas para os pobres, certa de que as muitas testemunhas invisíveis aprovavam e compreendiam seu gesto.

Depois de ouvir o som forte da moeda batendo no fundo da caixa, Elma ajoelhou-se num dos velhos bancos de carvalho e pôs-se a rezar, o olhar fixo no altar.

As flores que sua mãe colocara nos vasos, no sábado anterior, continuavam viçosas e emprestavam um alegre colorido ao ambiente.

"Meu Deus, faça com que algo de muito bom aconteça comigo! Quero ter uma vida mais plena do que a que levo no momento!"

Enquanto orava, Elma tinha a impressão de estar sendo transportada para o alto, a um lugar de onde se tornava possível avistar o mundo inteiro, com as imensas montanhas sendo escaladas, e os rios e mares bravios navegando.. .

"Dê-me a chance de conhecer e desfrutar toda essa beleza, meu Deus!", pediu Elma, em sua oração.

CAPÍTULO II

Não havia ninguém em casa quando Elma chegou. Nanny saíra para fazer compras, e seus pais deviam estar ocupados com as costumeiras visitas aos paroquianos que precisavam de ajuda.

Depois de verificar que não lhe havia sido deixada nenhuma tarefa, Elma resolveu continuar a leitura de um livro que a vinha interessando bastante.

Via de regra, a única hora de que dispunha para dedicar-se à leitura era à noite, antes de se deitar. No entanto, não conseguia concentrar-se por muito tempo, pois estava sempre tão cansada que adormecia logo ao final de um capítulo.

Experimentando uma deliciosa sensação de liberdade, Elma subiu, apanhou o livro e foi com ele para a sala de estar, onde se acomodou numa confortável poltrona, começando sua leitura.

Estava tão concentrada na história que se assustou com o barulho da porta abrindo-se.

Virou-se, impaciente, imaginando que Nanny iria interrompê-la, a fim de pedir-lhe qualquer coisa insignificante, como buscar um galhinho de hortelã na horta, ou colher um pé de alface para o jantar.

Para seu espanto, porém, quem entrava era a prima Marilyn, vestida num elegante modelo da última moda.

Durante a guerra, os vestidos tinham sido simples e de cortes retos. Mesmo as pessoas ricas usavam musselina branca na confecção dos trajes. Esse tecido, por ser fino, marcava bastante o corpo e modelava as curvas, revelando os contornos das peças mais íntimas.

Agora, passado o conflito, a tradição ficara e usavam-se tecidos ainda mais finos para confeccionar os graciosos vestidos, cujos corpetes e mangas eram bordados ou enfeitados com rendas.

O traje de Marilyn exibia três fileiras de rendas ao redor da barra e seu chapeuzinho, com a aba virada para cima, imitava um modelo publicado no *The Ladie's Journal*. Para completar, as fitas de cetim que lhe prendiam o chapéu sob o queixo e que marcavam sua cintura só poderiam *ter* vindo de Paris.

Por um momento, Elma olhou surpresa para a prima, estranhando que Marilyn tivesse vindo pessoalmente à casa paroquial, em vez de mandar um recado, ou melhor, quase uma ordem, para que ela fosse até a mansão.

— Marilyn, há quanto tempo não a vejo! — exclamou, pondo-se de pé.

Sem dar mostras de qualquer embaraço, apesar de não haver procurado a prima desde o Natal. Marilyn limitou-se a dizer, em tom casual:

— Tenho andado muito ocupada, mas agora preciso de sua ajuda.

— Minha ajuda?!

A condessa sempre deixara claro que ajudar ou ser ajudado por pessoas de classe mais baixa era perda de tempo. Inclusive, um dia ela comentara com o reverendo:

— Não pense que, servindo e ajudando os pobres como você faz, eles algum dia irão reconhecer seu sacrifício. Acham que fazemos pouco e querem sempre mais. Quanto mais longe deles, melhor!

— Isso não acontece com os meus paroquianos — objetara o pastor. — Na

verdade, quando Elizabeth adoeceu no ano passado ficamos sensibilizados, porque todos nos trouxeram presentes e rezaram pelo restabelecimento dela.

A condessa apenas torcera o nariz ao escutar essas palavras, desprezando o fato de os parentes mostrarem-se tão sensíveis àquelas demonstrações de amizade e estima. No entanto, o reverendo e sua família sabiam que os camponeses haviam dado o pouco que possuíam: alguns ovos, flores ou um favo dourado de mel.

Enfim, eram presentes simples, cuja maior qualidade consistia em provar que as coisas materiais pouco importavam, se comparadas à compreensão e à solidariedade que vinham do coração.

Agora, enquanto caminhava ao encontro da prima, Elma sentia-se apreensiva, mal conseguindo ficar à vontade diante da elegância e arrogância de Marilyn.

Após relancear um olhar ao redor, Marilyn escolheu a poltrona mais confortável da sala e sentou-se, tomando cuidado para não amassar seu belo vestido.

Meio constrangida, Elma tirou as costuras da mãe de cima de uma banquetta que estava em frente à lareira e também se acomodou.

No mesmo instante, observou o tapete gasto pelo tempo, as cortinas desbotadas e a mesinha a um canto, sem um dos puxadores de metal.

Erguendo a cabeça de maneira altiva, analisou que, independente da opinião de Marilyn, ela jamais trocaria a simples casa paroquial, onde havia amor e felicidade, pela luxuosa mansão dos tios.

— Suponho que eu possa confiar em você... — começou Marilyn, num tom áspero. — Preciso de alguém que me ajude e acredito que, sendo filha de um pastor, você nunca teria uma atitude desleal ou indigna.

Reprimindo a vontade de dizer uns bons desaforos para a prima, Elma respirou fundo, antes de responder:

— Marilyn, já nos conhecemos há dezoito anos, o que lhe deu tempo suficiente para me conhecer.

— Oh, claro! Não quis ser indelicada... Só estou apreensiva sobre o que tenho para lhe pedir.

Elma compreendeu que a prima não podia estar à vontade, vindo pedir-lhe um favor. Afinal, não a via há cinco meses, desde a ceia de Natal, única ocasião em que a família se reunia.

Aliás, ninguém na casa do reverendo apreciava aquela confraternização na "casa grande".

A época natalina era muito movimentada para o pastor. Além dos serviços religiosos, havia as visitas aos doentes que não podiam ir à igreja, o que contribuía para deixá-lo exausto e sem a menor vontade de ir à mansão do irmão, onde se irritaria com as conversas fúteis e a ostentação geral,

Era a mãe de Elma quem sempre animava o marido, dizendo que o conde ficaria muito feliz em vê-lo.

— Querida, sei que John é um bom homem, mas acho a esposa dele intolerável. O filho deles é um presunçoso, e Marilyn, apesar de ter sido uma boa menina, tornou-se uma moça vaidosa e fútil.

— Como diz a nossa velha Nanny: "O que não tem remédio, remediado está!" Portanto, não podemos deixar de comparecer.

— É por isso que amo você! Sempre coloca as coisas em sua exata perspectiva.

Mais uma vez, vou me obrigar a tolerar a frivolidade de Edith.

Desde que deixara de ser uma criança, Elma compartilhava com o pai a opinião de que aquelas ceias de Natal eram muito aborrecidas.

Sempre que se lembrava delas, tinha a impressão de sentir os olhares críticos da tia e da prima sobre suas roupas simples e baratas.

Como se isso não bastasse para humilhar a prima pobre, Marilyn desfiava um por um os bailes aos quais fora quando estivera em Londres, e se vangloriava de ter feito sucesso em todos, agindo como uma criança que quisesse impressionar outra com seus lindos brinquedos.

Para seu desapontamento, porém, Elma não demonstrava o menor interesse pelo assunto, limitando-se a escutá-la com uma expressão distante. Muitas vezes, imaginava que Peter sofresse o mesmo quando conversava com o primo William.

Vestido na última moda, o visconde sempre fazia o possível para que Peter reconhecesse que não passava de um simples aldeão.

No último Natal, quando voltavam para casa, Peter dissera à irmã:

— A única consolação que tenho é que vou conseguir meu diploma em Oxford, enquanto William perderá o ano, pois só quer saber de ficar nos clubes bebendo com os amigos. No semestre passado, ele esteve prestes a ser eliminado.

— Não se importe com o que ele diz. William é ciumento e invejoso! Você é melhor do que ele em tudo: cavalga com elegância, tem um físico bonito e é mais inteligente. Se eu fosse uma das belas mulheres que ele diz namorar em Londres, acharia William aborrecido ao extremo.

Em resposta, Peter apenas sorria, divertido com a observação da irmã.

De fato, William era um rapaz inexpressivo. Embora não fosse feio, seus olhos eram muito juntos um do outro e sua boca tinha os lábios superiores muito grossos, traços que herdara da família da mãe. Não era um cavalheiro, nem caçava com mestria. E, mesmo montando os melhores cavalos, sempre ficava atrás de Peter.

Fazendo um rápido balanço da situação, Elma ponderou que era admirável que a prima estivesse ali, à sua frente, a fim de lhe pedir um favor.

Achando difícil pôr em palavras o que desejava, Marilyn resolveu ganhar as boas graças da prima, antes de ir direto ao assunto.

— Pelo que vejo, você cresceu, Elma... Seu vestido está apertado e curto. Tenho muitas roupas que já não uso e vou mandá-las para cá.

Ao ouvi-la, Elma retesou-se. Preferia usar farrapos ou roupas remendadas, a viver da caridade da prima. No mesmo instante, porém, isso lhe pareceu uma atitude egoísta. As roupas da prima ajudariam a diminuir os gastos de seu pai com ela, sobretudo agora que todas as economias destinavam-se a custear os estudos de Peter.

Ademais, o irmão precisava de um casaco de montaria para poder competir na Corrida Steeple-Chase, em Blenheim Palace.

— Já vi que o seu casaco está surrado. Tenho certeza de que seu pai e eu conseguiremos dinheiro para lhe comprar outro — dissera a mãe, quando Peter tocara no assunto.

— Você é uma jóia rara, mamãe! Sei que você e papai andam passando dificuldades por minha causa e fico constrangido por importuná-los a todo momento.

Para comprar esse casaco, Elma sabia que a mãe renunciaria a um vestido com o qual sonhava há tempos, e um chapéu novo também não se tornaria realidade.

Engolindo em seco, Elma fitou a prima e murmurou:

— Será muita bondade sua me dar as roupas que não usa mais, Marilyn. Papai e mamãe lutam tanto contra as despesas, mas nunca têm dinheiro de sobra.

— Darei ordens à minha criada para arrumar as roupas e mandá-las a você. Bem, me deixe dizer o que desejo.

— O que é?

— Devo explicar primeiro que temos um hóspede na mansão. Trata-se do marquês de Deverille, com quem pretendo me casar.

— Que emocionante, Marilyn! Você está apaixonada por ele?

— Não é isso que interessa no momento. O marquês de Deverille é, sem exagero, o melhor partido de Londres!

— Nossa! Ele é tão importante assim?

— Além de ser riquíssimo, ele ocupa uma posição social invejável. Possui inúmeras casas, muitas terras, fazendas, e seus cavalos puros-sangues são os melhores que existem.

— Tenho a impressão de que já ouvi papai comentar algo sobre essa pessoa. ..

— Duvido que tio Stanton conheça o marquês. Ele só vive nos mais altos círculos. Os seus cavalos ganham todas as corridas clássicas, e, em todo lugar aonde vai, ele é muito bem recebido e aclamado.

Deixando escapar um suspiro, Marilyn acrescentou, sonhadora:

— Se me casar com o marquês, terei uma posição quase tão importante quanto a da rainha. Serei invejada por haver conquistado um homem como ele.

— Acha que serão felizes?

— Sim. Ficarei muito feliz por ser a marquesa de Deverille. E estou determinada a capturar o marquês.

Aquele tom firme de voz era bastante conhecido de Elma, quando Marilyn decidia uma coisa, era melhor deixá-la fazer o que quisesse. Desde criança, a prima conseguia dobrar suas babás e governantas, acabando por conseguir tudo que desejava.

Atrás daquele rostinho bonito, escondia-se uma vontade de aço.

Quando estudavam juntas, se não achasse um assunto interessante, não havia quem fizesse Marilyn ouvir o que a professora ensinava. Ela simplesmente punha-se fora da sala, deixando Elma sozinha, olhando para a professora perplexa, que não sabia como lidar com uma aluna tão rebelde e impetuosa.

Ao contrário da prima, Elma vivia ansiosa para aprender cada vez mais. Assim, acalmava a professora que se sentia ultrajada, persuadindo-a a continuar a lição.

Agora, diante de Marilyn, ela sabia que, se a prima estivesse mesmo decidida a casar com o marquês, ou com qualquer outro homem, ele teria grande dificuldade em ver-se livre dela.

— Se você se casar com o homem que ama, eu lhe desejo toda a felicidade do mundo, Marilyn.

— É por essa razão que preciso de sua ajuda... Tenho de conquistar o marquês!

— Ele ainda não se declarou?

— Claro que não! Assim que o marquês me pedir em casamento, porei a notícia na *Gazette*, sem lhe dar tempo para mudar de idéia. As moças de Londres vão querer arrancar os meus olhos por eu ter tido sucesso onde tantas falharam!

— O marquês é atraente? Você o ama?

— Por enquanto, ele tem agido de modo reservado, e não o conheço direito... O marquês é uma pessoa enigmática e distante. Aceitou o convite de papai, porque está interessado em ver umas éguas de raça que chegaram da Arábia. Apesar de não estar propriamente interessado em mim, tenho feito o máximo para prendê-lo, enquanto está conosco.. .

Depois de uma pequena pausa, concluiu:

— Preciso conquistar o marquês, Elma. E garanto que isso não será fácil!

— E por que não? Você é tão linda que será impossível o marquês ficar hospedado em sua casa e não se sentir atraído por sua beleza.

— Gostaria de ter essa certeza! Mas o marquês é bajulado e adorado pelas mais lindas mulheres de Londres. Mesmo as casadas o adulam. É claro que ele se casará um dia, para ter um, herdeiro. Caso contrário, seu título e seus bens passarão para um primo que ele detesta.

— Tenho certeza de que o marquês vai casar com você!

— lá me disseram, muito confidencialmente, que a família do marquês há cinco anos vem insistindo para ele casar e constituir família.

— O casamento dele é tão importante assim para a família?

— Não seja tola, Elma! Acabo de dizer que ele odeia o tal primo.

— Por que todos odeiam esse primo?

— Jamais o vi mas, pelo que sei, ele vive bêbado e passa o tempo inteiro na companhia de atrizes de péssima reputação.

— Entendo...

— Em compensação, o marquês nunca se comportou de modo condenável. Ele é consciente de sua posição e sempre mede as consequências dos seus atos. Descobri que teve um grande amor quando era jovem, e sofreu uma séria decepção...

— Que aconteceu?

— Não sei do caso em detalhes... Parece que houve essa paixão quando ele ainda era muito jovem e, em sua decepção, passou a nutrir pouca consideração pelas mulheres e a se interessar muito mais por seus cavalos! Apesar disso, ele precisa casar e estou determinada a me tornar a esposa dele!

— Sem dúvida, você conseguirá, querida! Só não sei como poderei ajudá-la...

— Vou lhe explicar meu plano... — Num tom enérgico, ela continuou: — O marquês conversava com papai ontem à noite durante o jantar, e disse que os costumes mudaram muito desde a guerra. Lamentava que as famílias aristocráticas já não cuidassem, das suas propriedades, nem dos seus empregados, alegando sérias dificuldades financeiras.

Observando o interesse da prima, Marilyn resolveu fazer uma pequena pausa, a fim de dar maior efeito às próprias palavras. Depois, ela continuou:

— O marquês disse que seu pai, quando era vivo, havia cuidado de seus empregados e dos que dependiam dele com reconhecimento e justiça. Parece que o antigo detentor do título conhecia cada um dos seus empregados pelo nome, e sua mãe costumava visitar as famílias dos que moravam em suas terras. Se alguém estivesse doente, ela mesma lhes levava remédios e sopa. Quando os filhos dos empregados cresciam, a marquesa já lhes arranjava um emprego em suas propriedades ou nas dos parentes.

Ao ouvir essa declaração, Elma analisou que os seus pais faziam o mesmo, mas

em menor escala, pois eram pobres.

— O marquês disse também que se revoltava ao notar que pouquíssimas pessoas agiam como os seus pais. Ele atribuía o descontentamento geral que havia entre as classes mais simples à indiferença por parte dos patrões. No norte, os operários estavam insatisfeitos, e no sul também havia uma onda de dissensões... Compreende agora onde quero chegar?

Espantada, Elma limitou-se a fixar seus belos olhos azuis no rosto da prima.

— Não seja boba, Elma! Preciso convencer o marquês de que, igual à mãe dele, também me interesso pelas pessoas que moram em nossas propriedades e as ajudo.

— Mas, Marilyn...

Interrompendo-se, Elma ponderou que não seria educado de sua parte dizer à prima que, durante todos aqueles anos de convívio, jamais a vira demonstrar o menor interesse por qualquer pessoa, fosse da vila ou das fazendas que pertenciam ao conde.

Pelo contrário, a mãe de Marilyn sempre menosprezara os parentes por eles se dedicarem ao pessoal pobre da vila.

Certa vez, o conde demitira um de seus empregados, porque de acordo com o administrador esse homem era lerdo e não fazia bem o serviço. Penalizado, o reverendo interferira pedindo ao irmão que desse outra chance ao funcionário.

— Ele está doente e não pode perder o emprego — argumentara o pai de Elma.

— Para piorar, a esposa dele está grávida, e o casal já tem outras três crianças ainda pequenas.

No entanto, o conde se recusara a ouvir os apelos do irmão.

— Deixo todos esses assuntos sob a responsabilidade do administrador da fazenda. Nunca interferi, nem vou fazê-lo agora!

Diante da negativa, o pai de Elma prestara assistência à família do camponês, ajudando-os com o dinheiro de seu próprio bolso. Depois, como por milagre, conseguira outro emprego para o chefe daquela família.

Mas, embora não gostasse de fazer comentários, o reverendo lamentava que o irmão fosse tão indiferente e desinteressado pela sorte do pessoal que empregava.

— Não imagino o que eu poderia fazer por você, Marilyn... — disse Elma, saindo de suas divagações.

— Já pensei em tudo. Quero apenas que você siga fielmente as minhas instruções.

— Se for possível. ..

— É possível, sim! Agora ouça... — Inclinando-se, acrescentou, em voz bem baixa: — Amanhã, logo cedo, irei cavalgar com o marquês. Papai e William não gostam de acordar muito cedo, mas o marquês é madrugador e aprecia um passeio a cavalo antes do café da manhã.

— Pelo que sei, você sempre detestou acordar cedo.

— Se existir um bom motivo, pode crer que me levanto até de madrugada. Mas ouça meu plano, Elma. .

— Estou ouvindo.

— Encontrarei o marquês no estábulo e vou sugerir um passeio até o Bosque das Campânulas. Você sabe como aquele lugar é romântico!

— Sim... claro!

— Chegaremos lá mais ou menos às sete e meia e cavalgaremos devagar pelo bosque. Aí você entra em cena. Quero que venha a galope, fingindo que me procura.

— Eu?!

— Fique quieta! Você vem galopando na maior velocidade que puder e diz que está à minha procura, porque a sra. Smith... ou qualquer outro nome, está morrendo e quer me ver. Fale que a pobre velha se recusa a deixar este mundo sem me agradecer todo o bem que lhe fez!

De olhos arregalados, Elma imaginou que aquilo não passava de uma brincadeira. Que modo esquisito de impressionar o marquês ... Para piorar, aquele plano não parecia nada verossímil.

— Você pode inventar o seu próprio discurso, mas quero que seja bastante convincente e pareça emocionada. O marquês precisa acreditar piamente que há uma pobre mulher, nas últimas, implorando por minha presença.

— Farei o possível. Mas... e daí?

— Já pensei em tudo! Pedirei a você que acompanhe o marquês até a mansão e partirei a galope. Caso ele tenha a infeliz idéia de me seguir, estarei longe.

— Suponha que ele insista em seguir você.. .

— Fica por sua conta fazer tudo para impedi-lo. Irei em direção à vila, mas logo voltarei. Mais tarde, contarei ao marquês que a pobre velhinha morreu feliz, segurando minha mão e dando-me sua bênção. O marquês, então, pensará que sou igual à mãe dele e me preocupo com o pessoal que vive nas nossas terras. — Após um instante de silêncio, Marilyn perguntou: — Que acha de meu plano? Será difícil fazer o que lhe peço?

— Não... Claro que não... Só espero que o marquês acredite nessa história.

— Por quê? Ele só não acreditará se você desempenhar mal seu papel. Aí a culpa será toda sua!

— Por favor... Não diga isso! Sabe que tentarei por todos os meios convencê-lo de que há realmente alguém num leito de morte chamando por você, Marilyn. Cansei de ver pessoas numa aflição dessas virem em casa buscar mamãe, mas...

Interrompendo-se, Elma analisou que não seria nada educado dizer à prima que só um homem muito tolo acreditaria que ela fosse capaz de se preocupar com qualquer pessoa no mundo.

— Farei tudo que me pediu, mas preciso de um cavalo.

— Pode ficar tranqüila. Mandarei um dos cavaleiros lhe trazer um animal, ainda esta noite.

— Adorarei cavalgar um pouco — afirmou Elma, os olhos brilhando de alegria.

— Faça o favor de não ficar muito tempo com o marquês. Distraia a atenção dele para impedi-lo de me seguir e depois lhe ensine o caminho de volta para a mansão. Mais nada!

— Farei exatamente isso!

— Ah, outro detalhe: não precisa se embonecar toda porque vai ver um cavaleiro elegante, o que, aliás, é bastante raro neste vilarejo!

— Não... claro que não!

— Se houvesse outra pessoa em quem eu pudesse confiar, não recorreria a você.

— Também não precisa ser tão indelicada, Marilyn!

— Não consigo evitar. Você é tão linda que chego a detestá-la. Mesmo que eu use o que há de mais fino e caro, quando estamos juntas é você quem sobressai.

— Que bobagem! Sempre fomos amigas, e sinto falta dos tempos em que

vivíamos juntas!

— Se diz isso com a intenção de pedir que eu a convide para os bailes, perde tempo Não a quero nas minhas festas. Já reparei nos olhares que os cavalheiros lançam a você e não sou tola de me arriscar a tê-la como competidora.

— Não é culpa minha, Marilyn. Cada um tem a aparência que Deus lhe deu. Mas você é linda, e tenho certeza de que conquistará o coração do marquês.

— É isso mesmo que pretendo: agarrá-lo!

— Não acho que o amor depende tanto da beleza das pessoas. Mamãe acredita que a beleza serve apenas como introdução! Quando duas pessoas se apaixonam, o que alimenta esse amor são muitos fatores, além da aparência exterior.

— Se pretende me fazer um sermão sobre virtudes do tipo coração bondoso, natureza meiga e suave, amor pelos velhinhos e animais, não ficarei ouvindo. — Agindo como a garotinha petulante e teimosa de anos antes, Marilyn prosseguiu: — Estou contente com a minha vida e como sou. Agora, o que me preocupa é casar com o melhor partido que houver!

— Papai sempre diz que, quando desejamos algo com toda a força de nosso coração, através do poder de nossa mente e das orações podemos consegui-lo.

— Tenho certeza de que tio Stanton adorará saber que estou muito religiosa. Rezo bastante para apanhar o marquês, mas ficarei profundamente zangada se as minhas orações não forem atendidas.

— Lógico que serão! Ninguém ficará mais linda do que você no dia de seu casamento, Marilyn.

— Espero. .. Não vejo a hora de colocar o diadema de marquesa! — Dito isso, ela levantou-se, ajeitou a saia rodada e recomendou: — Não cometa engano algum, Elma. Estaremos esperando por você no bosque das Campânulas, às vinte para as oito. Posso prender o marquês por uns minutos caso você se atrase, mas é melhor que isso não ocorra.

— Prometo que chegarei no horário. E não se esqueça de me mandar o cavalo. Causaria péssima impressão eu chegar no bosque a pé.

— Pelo jeito, você ficou sentida por não montar mais os nossos cavalos. A verdade é que você cavalga tão bem que estou enjoada de ouvir os rapazes da cocheira lhe fazerem elogios. Todos acham que devo ser perfeita como você.

Constrangida, Elma abaixou a cabeça e acompanhou a prima até o hall.

— Não se atrase. Vou recompensá-la mandando as roupas que prometi.

Reprimindo a vontade de dizer que não precisava de caridade, Elma esforçou-se por responder com gentileza:

— É muita bondade sua, Marilyn. Eu e mamãe ficaremos muito gratas.

Do outro lado de fora da modesta casa, uma linda carruagem aberta estava parada, tendo um cocheiro e um criado de libre à espera de Marilyn.

Assim que avistaram Elma, os dois homens ergueram seus chapéus e sorriram um cumprimento gentil.

Depois, o mais jovem abriu a portinhola da carruagem para que Marilyn entrasse e ajudou-a a acomodar-se. Voltando ligeiro para a boléia, sentou-se ao lado do cocheiro, e a carruagem partiu. Marilyn ergueu a mão enluvada e acenou para a prima, num gracioso gesto de adeus.

Retornando à sala, Elma pensou que o plano da prima era tão fantástico quanto

um conto de fadas.

Mal podia acreditar que aquela conversa realmente acontecera e ela se comprometera a representar uma farsa ridícula.

Entendia os motivos que levavam Marilyn a tramar toda aquela história complicada, mas no íntimo duvidava que a prima conseguisse seu intento.

Um grande amor, se era isso que Marilyn procurava, não devia basear-se em representações teatrais.

Ademais, com um mínimo de intuição, o marquês acharia coincidência demais Marilyn vir com aquela história de ser chamada ao leito de morte de uma pobre mulher, justamente dois dias depois de ele haver conversado sobre a bondade de sua mãe.

Por outro lado, o marquês poderia acreditar em tudo, deixando-se seduzir pela beleza de Marilyn. Se isso acontecesse, a balança se inclinaria por completo para o lado da prima.

Imersa nessas divagações, Elma olhou através da janela para a beleza do jardim e dos arbustos que começavam a florescer.

Mais adiante, diferentes árvores frutíferas também estavam em flor, fazendo Elma lembrar-se dos contos que ouvia na infância. Neles, os espíritos das árvores dançavam à noite, sob a luz das estrelas.

Se algum dia se apaixonasse, Elma jamais se rebaixaria a lançar mão de ardis e meios desonestos para forçar o homem que amava a propor-lhe casamento.

Queria amar e ser amada de igual para igual. Do contrário, seria melhor deixar seu amado partir, mesmo que chorasse muito depois.

"É humilhante conquistar um homem através de armadilhas, como se ele fosse um animal selvagem!", pensou, meneando a cabeça.

Estranhamente, ela se lembrou do cavalheiro que lhe dera a moeda de ouro e a beijara. Ele não se parecia com o príncipe secreto que habitava seus sonhos românticos e suas histórias cheias de fantasias... Não! Os beijos que ela viesse a receber um dia seriam maravilhosos, apaixonados e não a desapontariam como os daquele desconhecido.

CAPÍTULO III

Levantando-se com as primeiras luzes da manhã, Elma vestiu sua saia de montaria, uma blusa branca de tecido delicado e resolveu não usar chapéu.

Se devia causar a impressão de haver saído às pressas à procura da prima, era melhor não se preocupar demais com a aparência.

Assim, mesmo que prestasse atenção nela, o marquês notaria que Elma não passava de uma simples camponesa, sem qualquer semelhança com as damas elegantes com as quais costumava cavalgar.

Enquanto se vestia, ela experimentou uma pontinha de remorso. Na certa, seus pais desaprovavam aquela atitude e achariam errado ela mentir apenas para agradar à prima.

Entretanto, fora a primeira vez em que Marilyn lhe pedira um favor, e Elma achava que não só precisava ajudá-la, como também deveria rezar para a prima ser feliz e tornar-se bondosa.

Infelizmente, Marilyn mudara muito desde a infância e, a cada dia. Tornava-se mais parecida com a condessa, uma mulher fria que sempre tinha algo desagradável para dizer. Ela olhava de maneira altiva para a maioria das pessoas, querendo ver todos reduzidos a nada.

Depois de vestir-se, Elma desceu vagorosamente a escada, tomando cuidado para que ninguém a ouvisse.

Talvez estivesse cometendo algo reprovável, mas não resistia à tentação de montar o magnífico cavalo vindo da mansão na véspera e fazer um bom passeio antes de ir ao encontro da prima.

Sem dúvida, o antigo pastor fora muito mais rico do que o pai de Elma, pois reformara o estábulo e o ampliara, deixando-o em condições de abrigar mais de dez cavalos.

No entanto, agora o estábulo encontrava-se quase vazio, abrigando apenas um cavalo que o reverendo comprara há poucos meses e não estava totalmente treinado.

Rufus, como se chamava o animal, era usado para puxar o trole com que o pastor visitava os paroquianos, e também para puxar o confortável tálburi de passeio.

Apesar de bastante dócil e bem cuidado, Rufus jamais teria um porte semelhante ao do soberbo puro-sangue que Marilyn mandara na noite anterior.

Instalado na baia seguinte à de Rufus, Bracken movia-se de modo inquieto e relinchou ao reconhecer Elma, por quem já fora montado diversas vezes.

Aproximando-se, ela deu uma palmadinha carinhosa no lombo do animal e brincou com ele, antes de apanhar a sela que estava pendurada na parede.

Acabava de encilhar o animal quando o velho que cuidava de Rufus e fazia o serviço de jardinagem apareceu à porta do estábulo.

— Vai passear, srta. Elma? Pensei que o conde tivesse mandado o cavalo para o reverendo.

— Não, Jake. Preciso sair e peço que você não comente nada com papai, pois é segredo.

— Pode ficar tranqüila, senhorita. Só espero que se divirta montando um animal tão lindo.

— Não tenho dúvida.

Ajudada pelo velho empregado, ela conduziu Bracken para fora do estábulo e montou, agitando a saia a seguir. Antes de partir, Elma sorriu para Jake e acrescentou:

— Nenhuma palavra até eu voltar, hein!

— Prometo não abrir a boca. Divirta-se, senhorita...

Acenando com uma das mãos, ela partiu, cavalgando na direção oposta ao Bosque das Campânulas, rumo ao Bosque das Bruxas. Segundo as crenças do pessoal da vila, era ali que o diabo promovia suas orgias.

Do outro lado do Bosque das Bruxas, havia uma grande área plana, onde Elma sugerira ao tio que construísse uma pequena pista para corrida de cavalos, como muitos fazendeiros já haviam feito em suas propriedades.

— Tenho espaço de sobra para passear nas minhas terras — recusava ele, achando aborrecido cavalgar sempre no mesmo lugar.

Vendo o terreno coberto de grama, Elma susteve a respiração e soltou as rédeas de Bracken, que disparou a galopar.

Pouco depois, ela refreou o cavalo, fazendo-o ir a trote, e respirou fundo, deliciada com o ar fresco daquela hora da manhã.

Então, sabendo que não podia atrasar-se para o encontro com Marilyn, atravessou o parque e foi para o Bosque das Campânulas, onde a prima deveria estar com o marquês.

Como previra, o calor se intensificava à medida que o sol ficava mais alto no céu, e ela se contentou por não haver colocado seu casaco de montaria.

Embora sua blusa já estivesse bastante gasta e cerzida, Elma se perguntou se o marquês acreditaria que ela saíra de fato do quarto de uma moribunda, a fim de ir buscar a prima.

Estava quase na hora de representar seu papel, e ela sentia o coração acelerar-se. Queria falar com uma nota de ansiedade na voz, na esperança de que isso fizesse aquela história parecer real.

Em marcha lenta, passou sob um grupo de árvores e seguiu por um caminho que cortava o bosque.

Terminara a floração das prímulas, e a vegetação rasteira estava bem mais crescida do que na primavera. Aqui e ali, havia orquídeas silvestres, conhecidas como "sapatinhos-de-princesa", além de uma grande quantidade de pequenos cogumelos que a faziam lembrar-se de seu tempo de criança, quando acreditava que eles nasciam nos lugares onde as fadas tinham dançado durante a noite.

Enquanto cavalgava, Elma contava a si mesma a história de uma princesa que escapara dos gnomos e fora socorrida por uma ninfa, que a levava para um lugar seguro.

De repente, Elma ouviu o som de vozes e percebeu que Marilyn e o marquês estavam próximos.

Prendendo a respiração, ela tocou Bracken com os calcanhares e chegou até onde estavam os dois, dando a exata impressão de que viera a toda pressa e estava ofegante devido ao galope. Ao notar a elegância da prima, Elma sentiu-se embaraçada com a própria aparência.

Durante a cavalgada, seus cabelos haviam caído sobre a testa e seu rosto ficara rubro de excitação.

Marilyn, por sua vez, usava um elegantíssimo traje de montaria, confeccionado em

seda azul e arrematado com rendas brancas. Para completar, colocara um gracioso chapéu branco, circundado por uma longa faixa de tecido diáfano, também azul, cujas pontas caíam-lhe pelas costas. Quem a fitasse pensaria estar diante de uma das sofisticadas freqüentadoras de Rotten Row, no Hyde Park.

Ao olhar para Elma com um bem simulado ar de surpresa, Marilyn tinha uma expressão calma e segura de si.

Puxando as rédeas bruscamente, Elma fez Bracken parar de súbito, o que causou um efeito quase teatral.

— Que houve, Elma? Por que está aqui?

— Oh, Marilyn, procurei-a por toda parte. A pobre sra. Burles está morrendo, mas quer vê-la para lhe agradecer tudo que fez por ela! — Com a pulsação acelerada, Elma rezou para que sua voz não tivesse saído num tom muito forçado.

— Oh, pobre sra. Burles! — lamentou-se Marilyn, levando uma das mãos à cabeça. — Claro que irei vê-la!

Dando meia-volta, chicoteou de leve o cavalo que passou por Elma a todo galope.

A distância, Marilyn voltou-se ainda uma vez, gritando:

— Por favor, Elma, mostre o caminho de volta ao marquês e depois venha encontrar-se comigo, Posso precisar de sua ajuda.

— Está bem.

Ato contínuo, olhou pela primeira vez para o cavalheiro que acompanhava a prima. Só então, notou que agira como uma tola perfeita. ..

Como não desconfiara que o marquês de Deverille só podia ser o mesmo homem que a beijara e lhe dera a moeda de ouro na véspera?

Paralisada de susto, ela o encarou durante alguns instantes, sem saber o que dizer.

— Quer dizer que você não é uma vendedora de leite... — ironizou ele, a voz arrastada e um olhar penetrante.

Enrubescendo, Elma respirou fundo, procurando articular uma resposta à altura daquela impertinência:

— Não sou... E você não tinha o direito de pensar tal coisa a meu respeito.

— Quer que eu lhe peça desculpas?

— É muito tarde para isso! Quanto ao ferreiro. .. Foi fácil arranjar um?

— Voltei para a mansão onde estava hospedado e deixei os cavaleiros cuidarem do assunto.

— É para lá que deseja ir agora, não? Vou lhe mostrar o caminho.

— Não tenho pressa. Primeiro, estou interessado em saber por que a uma hora você se apresenta como se fosse uma vendedora de leite, e agora aparece como uma amazona, montando um magnífico puro-sangue.

— Não fingi ser uma vendedora de leite! E mesmo que fosse...

— Ia dizer que eu não tinha o direito de beijá-la? Certamente você não ignora como é bonita; torna-se uma tentação para qualquer homem que a encontrar sozinha.

— Não sou tentação nenhuma e nunca tive problemas com os camponeses do lugar. Será que os cavalheiros que vêm de Londres têm idéias diferentes das nossas sobre... respeito e decência?

Embora quisesse parecer desafiadora, Elma sentia-se constrangida e não conseguia evitar que sua voz soasse fraca. — Mereço a reprovação... — concordou ele, zombeteiro.

— Se quiser, milorde, podemos cavalgar um pouco e lhe mostro o caminho até o parque. Então será fácil chegar à mansão.

— Já disse que não estou com pressa.

Desconsolada, ela se limitou a fitá-lo, sem saber como agir. Por um lado, a prima lhe recomendara que não se demorasse.

Por outro, o marquês bloqueava-lhe o caminho, impedindo-a de fugir.

— Por que não me diz quem você é? O que faz, além de comprar ovos e chamar jovens para ir ver aldeãs à morte?

Percebendo a ironia, Elma fitou-o com os olhos faiscando de raiva.

— Caso esteja interessado, sou filha do pastor de Little Brookfield e... quanto à pobre velhinha que está morrendo... ela pediu para ver Marilyn... e naturalmente vim procurá-la.

— Como sabia que a encontraria aqui? Depois de um breve silêncio, ela respondeu:

— Eu ia para a mansão, quando alguém me informou que... havia visto você e minha prima cavalgando nesta direção.

Apesar da tentativa de parecer convincente, ela sabia que o marquês não acreditara em nenhuma daquelas palavras.

— Então Marilyn é sua prima... — murmurou ele, pensativo.

— Sim, e ela espera por mim. Por favor, milorde, deixe-me indicar-lhe o caminho, antes de ir ao encontro de Marilyn.

— Você gosta de cenas ao lado de uma pessoa em seu leito de morte?

Mais uma vez ele zombava dela, deixando claro que a encenação não o convencera nem um pouco. Para piorar, a cada pergunta, Elma ficava mais confusa e se traía.

Rezando para que fosse apenas impressão sua, Elma desejou poder levá-lo até a vila e de fato mostrar-lhe a sra. Burles em seu leito de morte, tendo Marilyn do lado como um anjo de bondade.

No entanto, como isso era impossível, só lhe restava permanecer em silêncio, evitando encará-lo.

Procurando disfarçar o embaraço, Elma virou a cabeça, e um raio de sol filtrou-se por entre os ramos das árvores refletindo-se em seus cabelos loiros, que brilharam como delicados fios de ouro.

Encantado, o marquês observou-lhe os traços delicados do rosto e, suavizando a voz, disse:

— Imagino que tenha ficado zangada comigo e peço-lhe desculpas por havê-la confundido com outra pessoa. Mas não me arrependo por tê-la beijado, pois você é linda demais!

— Foi uma atitude intolerável, milorde, e não quero tocar nesse assunto.

— Desconfio que você nunca tenha sido beijada...

— Claro que não! — Depois de uma breve hesitação, ela acrescentou, aflita: — Por favor, não conte nada a... Marilyn, nem a meu tio. Se meus pais souberem... ficarão aborrecidos.

— Fique tranqüila! Posso ter muitos defeitos, mas jamais faço algo tão condenável como comentar sobre as mulheres que beije. Agora, esqueça o que houve; mas antes, só por curiosidade, diga-me o que fez com a moeda que lhe dei.

— Senti vontade de jogá-la fora!

— Mas guardou-a?

— Em absoluto! Coloquei-a na caixa de esmolas da igreja. Quando papai encontrá-la, poderá ajudar uma porção de pessoas que no momento precisam muito de auxílio.

— No momento?

— Naturalmente, milorde, está a par do sofrimento que existe em consequência da guerra. — Como o marquês não respondesse, ela continuou: — Os lavradores estão com dificuldades porque as colheitas do ano passado não foram boas e o alimento vindo de outros países da Europa é mais barato. Eles não podem contratar mais funcionários, e os jovens que voltaram da guerra continuam desempregados.

— Pensei que, sendo tão rico, seu tio pudesse evitar o desemprego em suas terras.

Em silêncio, Elma lembrou-se das inúmeras vezes em que o pai pedira ao irmão que empregasse tanto os jovens que haviam voltado da guerra, como os rapazes da vila que procuravam trabalho. Entretanto, o conde se mantivera irredutível, fazendo-se de surdo aos apelos do pastor.

— Não me interessa o que você pensa! Não sou uma sociedade filantrópica e aconselho-o a pôr isso na cabeça de uma vez por todas! — gritara ele na última briga, há cerca de uma semana.

Desapontado, o pastor comentara o fato com a esposa, concluindo:

— Se eu tivesse condições de dar emprego a todos, fique certa de que o faria. Detesto dizer aos rapazes que falhei na tentativa de lhes arranjar trabalho.

— Fez o que pôde, querido, mas a solução desse problema não depende só de você.

— Eu sei. Garanto que, se dirigisse a fazenda, arranjaría serviço para algumas dezenas de homens. O próprio trabalho deles seria suficiente para lhes pagar os salários.

De repente, uma idéia ocorreu a Elma.. . Sendo tão rico, o marquês poderia contratar alguns homens em suas propriedades, ou então persuadir o conde a ser mais generoso.

Seguindo um impulso, ela falou:

— Como também possui terras, milorde, deve saber que a implantação de uma indústria gera muitos empregos. Por outro lado, se não conseguem trabalho, os homens acabam morrendo de fome ou tornando-se ladrões para obter o que precisam.

— Que tipo de indústria você propõe?

— Não faço idéia de como sejam suas terras, mas aqui, por exemplo, se houvesse alguém que convencesse tio John, muita madeira da melhor qualidade poderia ser comercializada. Algumas dezenas de homens teriam trabalho na derrubada de parte das árvores e numa madeireira.

Demonstrando interesse, o marquês assentiu com um gesto de cabeça, entretanto, não fez qualquer comentário.

— Existe também um poço de pedregulhos e cascalhos que está desativado desde a guerra, mas que pode voltar a ser explorado. Além disso, na divisa das terras de tio há uma jazida de ardósia, que é um material muito usado nas construções.

— Pelo que vejo, você está bem informada.. . Essas idéias são suas ou de seu pai?

— Essas idéias deveriam ser de todos os grandes senhores de terras, milorde. Por favor, se tiver oportunidade, converse sobre esse assunto com meu tio. Tenho certeza de

que ele o atenderá, apesar de não ouvir meu pai...

— Duvido que ele aja diferente comigo. Porém, se eu fizer o que me pede, perdoará as minhas faltas?

— Prefiro não tocar nesse assunto, milorde. Agora vou lhe mostrar o caminho para a mansão. Preciso ir ao encontro de minha prima.

— Certo... que tal antes me dizer como se chama?

— Meu nome é Elma.

— Imagino que seus pais a vejam como uma versão feminina de Hermes, o mensageiro dos deuses!

— Interessante sua observação. A maioria das pessoas acha meu nome engraçado. Aliás, todos esperam que eu me chame Jane, Anne, Sarah ou Mary...

— Por que esses nomes, em particular?

— Por serem mais apropriados para a filha de um pastor.

— Então, não seria apropriado seus pais pensarem no Olimpo? Pois para mim você é a própria figura de Perséfone que, fugindo de Hades, seu raptor, e do mundo subterrâneo, volta à Terra trazendo a alegria da primavera!

Em resposta, ela sorriu de maneira espontânea.

— Por que está rindo?

— Acho que preciso lhe contar a idéia que fiz a seu respeito depois que... partiu.

— Eu imagino, você pensou que eu fosse algum demônio! Se acertei, peço que me leve para fora de Hades, o inferno escuro...

Ignorando o duplo sentido dessas palavras, Elma apressou seu cavalo, passando à frente do marquês. Não queria de modo algum arriscar-se a levar uma bronca de Marilyn por se haver demorado tanto na companhia dele.

Planejava voltar pelo Bosque das Campânulas, seguindo o mesmo caminho por onde viera. Entretanto, o medo de que o marquês quisesse acompanhá-la até a vila obrigou-a a atravessar o parque, chegando a um ponto do qual podiam avistar a imponente mansão do conde.

— Agora é fácil voltar à mansão, milorde.

— Obrigado por haver desempenhado sua tarefa tão bem. — O modo como ele falou deixou-a nervosa.

O marquês parecia decidido a deixar claro que nem por um momento se iludira com aquela história de velhinha à morte.

Bem, fosse como fosse, não havia razão para ela ficar apreensiva. Afinal, acreditando ou não, o marquês não pediria Marilyn em casamento, a menos que tivesse muitas outras razões para isso.

Como se adivinhasse seus pensamentos, ele parou o cavalo a seu lado e encarou-a durante um longo tempo, uma expressão enigmática no olhar.

Perturbada com a intensidade daqueles olhos, quase insultuosos, ela resolveu sair dali o mais depressa possível.

— Adeus... milorde!

— Adeus, Elma! Espero ansiosamente revê-la.

— Como não sou Perséfone, acho impossível que isso aconteça, a menos que os deuses tenham alguma mensagem para o marquês de Deverille... o que é menos provável ainda.

Sem esperar resposta, fez Bracken partir a galope, evitando olhar para trás.

Somente quando chegou ao fim do caminho, já perto da porteira que a levaria à estrada da vila, virou a cabeça em direção à mansão.

Cavalgando devagar, o marquês chegava ao fim do caminho e logo entraria nos jardins da mansão.

Ao chegar em casa, Elma conduziu Bracken ao estábulo, entregando-o aos cuidados de Jake.

— Se não vierem buscar Bracken, pretendo tornar a montá-lo esta tarde — avisou, acariciando o animal.

— Sim, senhorita. É uma pena que, sabendo cavalgar tão bem, não possua cavalos.

— Adorei o passeio desta manhã!

Relutante, ela se despediu do velho empregado e deixando o estábulo entrou em casa.

Quando chegou à sala de jantar, seus pais tomavam o café da manhã.

— Nanny disse que você saiu logo cedo, montando um dos cavalos vindos da mansão. Que aconteceu? — indagou-lhe a mãe, curiosa. — Afinal não é sempre que coisas assim acontecem.

— Tem razão. Mas Marilyn queria que eu lhe fizesse um favor,

— Marilyn?! Mas você não recebe notícias dela há meses!

Fugindo de responder à mãe, Elma virou-se para o pastor e mudou o rumo da conversa:

— Já ouviu falar do marquês de Deverille, papai?

— Lógico! Deverille, o Diabo, é famoso no mundo dos esportes.

— Como o chamou?

— Deverille, o Diabo. É o que gritam nos hipódromos e nas pistas de corrida, sempre que um dos cavalos dele ganha. Todos comentam que ele tem muita sorte, e a multidão gosta de atribuir tudo ao sobrenatural. É essa a razão do nome dado ao marquês.

— Deverille, o Diabo... É mesmo o que ele parece.

— Soube que ele está hospedado na mansão. Você o conheceu?

— Ele estava cavalgando com Marilyn.

— Foi por isso que ela quis que você os acompanhasse? — interveio a sra. Brooke, surpresa. — Não entendo por que ela lhe pediu uma coisa dessas.

— Marilyn veio aqui ontem e foi muito amável ao me pedir que a encontrasse no Bosque das Campânulas, onde estaria com o marquês.

— Juro que fiquei surpresa, minha filha! Quem sabe, de agora em diante ela passe a convidá-la para freqüentar a mansão.

— Espero que sim, mamãe.

— Deverille é um homem extraordinário! — interrompeu o pastor, voltando ao assunto anterior. — Além de ser um cavaleiro excepcional, no Clube Four-In-Hand é considerado o mais notável desportista. Sei também que se revelou um excelente pugilista e possui inúmeras outras habilidades. Apesar disso, é um homem simples e pouco falador.

— Em outras palavras, ele parece indiferente a tudo?

— Isso mesmo. Age como uma pessoa entediada, descrente da vida. Várias revistas cômicas publicaram caricaturas alusivas a Deverille, retratando-o como um diabo

em absoluta depressão. Entretanto, nada disso condiz com o estilo de vida de Deverille. Ele é rico, importante e bastante requisitado nos altos círculos. Enfim, não há razão para sua amargura.

— Ora, deve existir algo que justifique a atitude dele... — observou a Sra. Brooke, intrigada.

— Ouvi John dizer que o marquês esteve apaixonado uma vez, quando ainda era muito jovem. A decepção amorosa tornou-o uma pessoa reservada. Inclusive, não duvido que a con-deessa se deprecione, caso resolva tentar fazê-lo se apaixonar por Marilyn.

— Não acredito que o marquês seja a pessoa indicada para fazer Marilyn feliz — comentou Elma.

Um silêncio pesado caiu sobre a sala, encerrando o assunto. Embora os três tivessem consciência de que o conde e a esposa pouco se interessavam pela felicidade de quem quer que fosse, ninguém se aventurou a tecer qualquer comentário indiscreto.

Deixando escapar um suspiro, a Sra. Brooke refletiu:

— Talvez seu irmão deixe Elma montar os cavalos que possui, depois que a filha se casar.

— Foi maravilhoso cavalgar esta manhã! Antes de ir ao encontro de Marilyn, passei pelo Bosque das Bruxas.

— Foi bom dar esse passeio, mas talvez amanhã você esteja meio dolorida.

— Se isso acontecer, mamãe prepara para mim um de seus remédios já famosos na vila toda.

— Por falar nisso, querida, tenho que preparar uma boa quantidade de linimento para dor nas juntas. Muita gente já me pediu. E a Sra. Burles, minha filha? Por acaso gostou do remédio para tosse que você levou para ela?

— Acho que sim. Ah, mamãe, ela está cada vez pior. Ficou o tempo inteiro resmungando, parecia nervosa e preocupada com seu filho Ben.

— Esse rapaz só faz coisas erradas! — exclamou o reverendo, pesaroso. — Também, o coitado vive faminto, Não consegue emprego, pois há gente mais forte sem ter o que fazer.

— O problema com Ben é que, na verdade, ele nunca cresceu — interveio a sra. Brooke, com voz suave. — Está sempre em encrencas, deixando a mãe quase louca.

— Mas ela está muito velhinha. Não é de remédio para tosse que ela precisa, mamãe, porém de um elixir da juventude.

— Nem imagina como eu desejaria encontrar essa fórmula... Entretanto, caso recebesse alimentação adequada, metade das pessoas da vila remocharia uns vinte anos em poucos dias.

— Falei com John anteontem sobre esse problema... — informou o pastor, levantando-se. — Como de costume, ele nem me deu ouvidos.

Com expressão desapontada, ele se retirou, deixando-as a sós.

— Sei o que farei, querida — disse a sra. Brooke, pouco depois. — Vou preparar um xarope que acalmará a sra. Burles, fazendo-a sentir-se um pouco melhor.

— Ela estava muito deprimida, mamãe. Sei que ficará contente com o que lhe mandar. A Sra. Burles acredita que cada colher dos remédios que você faz possui algum poder mágico. Ela a considera uma feiticeira.

Em resposta, a boa mulher apenas sorriu, meneando a cabeça.

— Deve tomar cuidado, mamãe. Já pensou se o pessoal da vila ficar com medo de você, como da pobre velha que morava no Bosque das Bruxas?

— Você não tem idade para se lembrar da velha Sra. Wom-batt, minha filha.

— E nem me lembro de tê-la visto algum dia. No entanto, todos ainda acreditam que ela assombra o bosque e que Satã dança com o fantasma dela durante as noites.

— Nunca ouvi tantas tolices juntas! A pobrezinha morreu com quase noventa anos e era velha demais para dançar com quem quer que fosse, muito menos com Satã!

— Eles contam histórias fantásticas sobre a pobre velha. Dizem que ela amaldiçoava as pessoas, fazendo-as definhar até a morte. Em compensação, quando gostava de alguém e lhe dava poderes mágicos, tudo corria bem.

— Gostaria que ela desse a você um desses poderes. Poderia ser um cavalo alado, algumas roupas mágicas e um baile encantado, onde todos a admirassem.

— Obrigada, mamãe! Eu também gostaria de ter tudo isso. Mas sempre conto histórias desse tipo para mim mesma e acredito que um dia elas possam tornar-se realidade.

Sorrindo, Elma levantou-se e levou os pratos vazios para a cozinha. Ao se afastar, porém, não observou a expressão amargurada que surgiu no rosto da mãe.

Apesar de sua beleza e doçura, Elma não teria qualquer futuro em Little Brookfield...

CAPÍTULO IV

Devagar, Elma caminhou para a casinha da Sra. Burles, levando o remédio que a mãe preparara.

Às vezes, a velhinha parecia uma pessoa criteriosa, mas quase sempre acabava dizendo coisas sem sentido, capazes de irritar quem a escutasse.

Elma ficara ocupada até depois do almoço e, assim que se de-sincubira de suas tarefas, correria ao estábulo, ansiosa por dar mais uma volta montando Bracken.

Para seu desapontamento, porém, o lindo animal já não se encontrava lá, pois um dos cavaleiros do conde fora buscá-lo.

Por um instante, ela se sentira bastante frustrada, lamentando privar-se de algo que adorava fazer. No entanto, logo se conformara, imaginando que aquela fora a maneira que Marilyn encontrara para puni-la, por haver-se demorado tanto na companhia do marquês.

De qualquer forma, valera a pena discutir aqueles assuntos com o marquês. Mesmo sendo um cético e tendo um comportamento reprovável, ele era um homem inteligente e, sem dúvida, um dos mais elegantes que Elma já vira.

A partir daquela manhã, com certeza, a figura dele passaria a dar um colorido especial às histórias que Elma costumava imaginar, ainda que fosse no papel de vilão.

Pensando no marquês, Elma chegou à casinha da velha Sra. Burles, onde avistou Ben Burles sair correndo pela porta baixa.

Após relancear um olhar para a estrada, fugiu na direção oposta de Elma, agindo como se estivesse escondendo alguma coisa.

"Acho que ele está aprontando uma das suas...", pensou ela, lembrando-se das palavras do pai.

Chegando à frente da casinha, bateu com força à porta, pois a sra. Burles não escutava direito.

Levou algum tempo para a velhinha erguer-se de sua poltrona em frente ao fogão, onde costumava sentar-se, e ir atendê-la.

— Entre, Srta. Brooke, entre! Estava mesmo rezando para que se lembrasse de mim. Sinto muita dor hoje.

Entrando na pequena casa, Elma percebeu que a construção precisava de uma porção de reparos urgentes e lamentou que o tio não quisesse arcar com as despesas das reformas, mesmo que depois os colonos e arrendatários o reembolsassem aos poucos.

O pastor já falara ao irmão sobre as péssimas condições em que se achavam a maioria das casas, muitas delas ocupadas por empregados velhos e aposentados, que tinham de viver em lugares cheios de grandes goteiras e que ficavam alagados, quando chovia.

Como de costume, o conde dissera que não dispunha de dinheiro para desperdiçar com um bando de velhos, sobretudo com os que tinham filhos.

Quando a velhinha sentou-se em sua poltrona, Elma acomodou-se a uma cadeira de espaldar alto.

— Trouxe um xarope que irá fazê-la sentir-se melhor. Mamãe disse que deve tomar uma colher de sopa desse remédio pela manhã, outra depois do almoço e uma terceira antes de se deitar.

— Foi muita bondade sua, senhorita. Ando necessitando de um remédio para o corpo e também para a minha cabeça.

— Tenho certeza de que logo se sentirá melhor.

— Tudo isso porque ando aborrecida... Ben não devia fazer isso! Já lhe pedi para não agir assim...

— Fazer o quê?

— Ela vai rogar uma praga para ele. Vai mesmo! — continuou a Sra. Burles, como se não a ouvisse. — Já avisei Ben muitas vezes para não se aproximar da velha bruxa, mas ele não me ouve!

Deduzindo que a apavorada velhinha referia-se à Sra. Wombatt, Elma procurou acalmá-la:

— Ouça, a sra. Wombatt morreu há bastante tempo. Não há razão para sentir medo dela.

— Ela vai amaldiçoá-lo! Ben não deve ir lá. .. Já o avisei disso e contei que o próprio Satã vive com aquela bruxa.

Diante da convicção que havia nessas palavras, Elma percebeu que não adiantava insistir em seus argumentos,

A Sra. Burles jamais compreenderia que a pobre mulher que havia morado no Bosque das Bruxas morrera e que, caso possuísse poderes mágicos, nunca usaria sua magia para fazer mal a alguém.

Quando viva, a Sra. Wombatt costumava comer plantas silvestres e lia a sorte das mocinhas do lugar, além de preparar remédios caseiros para curar reumatismo ou cólicas.

Entretanto, sabendo que não adiantava perder tempo com essas explicações, Elma levantou-se e foi até a mesa, sobre a qual encontrou uma colher.

Despejou um pouco do remédio que a mãe preparara e deu-o para a sra. Burles, dizendo:

— Tome isso, que logo se sentirá melhor. Tenho certeza de que dormirá bem. Mamãe acrescentou um pouco de camomila.

Após tomar o remédio, a velhinha disse:

— Que gostoso! Dê-me mais um pouco.

— Não, agora chega! Não se esqueça de tomar outra colher antes de ir dormir.

Deixando o vidro no centro da mesa, Elma despediu-se:

— Adeus, Sra. Burles. Voltarei para visitá-la.

— Minha filha, por favor, não diga a Ben que conversei com você. Ele me pediu segredo.

— Fique tranqüila! Agora feche os olhos para descansar e esqueça Ben. Espero que ele volte logo para tomar conta da senhora.

Alheia à realidade que a cercava, a Sra. Burles continuou a resmungar, enquanto Elma abria a porta e saía.

— Ben não devia ir lá. , . Ela vai amaldiçoá-lo! Tenho certeza ...

Meneando a cabeça, a jovem saiu, fechando a porta atrás de si.

— A pobrezinha está ficando cada vez mais doida! — murmurou, retomando o caminho de volta.

Àquela hora o sol se punha no horizonte, espalhando seus raios avermelhados pelo céu, e Elma sentiu um intenso desejo de cavalgar como fazia no passado, quando

costumava percorrer os campos e bosques, admirando os pássaros que voltavam para seus ninhos ao entardecer.

Muitas partes da imensa propriedade de seu tio ela não visitava há bastante tempo. Eram lugares maravilhosos que estavam impressos em sua memória como gravuras, cuja beleza ela nunca esqueceria.

Nas proximidades de sua casa, Elma deu-se conta de que, aos poucos, a figura do marquês voltara a se insinuar em seus pensamentos.

Apesar de cético e sarcástico, ele era um homem de sucesso e sempre ganhava os grandes prêmios nas corridas de cavalos.

"Isso significa que tomará parte nas corridas de Ascot, na próxima semana...", ponderou Elma.

Lembrava que essas corridas começariam na segunda-feira seguinte.

Como apreciava as corridas de cavalos, o pastor sempre lia as notícias sobre turfe no *The Morning Post*, o único jornal que recebiam.

Quando Peter estava em casa, ele e o pai discutiam sobre os cavalos que iriam correr e qual deles seria o favorito.

Peter, que assistira ao Derby, a grande corrida anual em Epsom, descrevia o quanto era emocionante estar presente a uma dessas competições importantes.

— Ganhei cinco libras! — vangloriava-se o rapaz, numa dessas discussões.

— Mas podia ter perdido o seu dinheiro — ponderara o pastor.

— Sei disso. Na verdade, eu estava morrendo de medo de perder o que havia apostado, mas felizmente ganhei! Com esse dinheiro, paguei todas as despesas do dia e ainda sobrou um pouco.

Pelo modo como conversava com o filho a respeito do Derby, o pastor deixava transparecer o quanto gostaria de ter estado em Epsom com Peter.

Com um suspiro, Elma perguntou-se se o irmão teria também a oportunidade de assistir às corridas de Ascot. Na certa, ele devia sentir-se frustrado por saber que seus amigos ricos dispunham de meios para comparecer a qualquer evento importante. Todos eles, sem exceção, podiam sair de Oxford durante o dia e hospedar-se à noite em casa de amigos, ou num hotel, o que ficava completamente fora do alcance de Peter.

Apesar disso, ele estava vendo muito mais coisas e aproveitando melhor a vida do que a irmã.

Sem dúvida, Elma jamais teria chance de assistir a uma corrida de cavalos, ou de ir a um baile em Londres. Aliás, nem mesmo podia sonhar em conhecer as lindas lojas que se localizavam na capital.

"Se os desejos fossem cavalos, os mendigos seriam perfeitos cavaleiros...", analisou ela, rindo.

Reunidas na sala de jantar, Elma e a mãe esperavam pelo pastor há uns quinze minutos. Da cozinha, Nanny reclamava que a comida iria esfriar, ficando intragável.

Nesse instante, Elma ouviu Jake passar ao lado da casa, conduzindo o trole do pastor para o estábulo, e foi abrir a porta para o pai.

Ao ver o marido entrar, a Sra. Brooke caminhou ao encontro dele, exclamando:

— Querido, eu estava preocupada! Por que demorou tanto?

— Já lhe pedi que não se preocupasse. Para ser franco, eu teria chegado bem mais cedo, se não me tivessem detido quando cheguei à vila.

Acomodando-se à cabeceira da mesa, o pastor começou a falar, em tom calmo:

— Vocês não vão acreditar no que aconteceu... Até eu estou achando tudo isso impossível!

— O que foi, querido?

— O marquês de Deverille desapareceu!

Espantada, Elma olhou para o pai, como se não houvesse escutado direito o que ele acabara de dizer.

— Como?! Desapareceu?!

— Exatamente! Todos na vila estão pasmados e o pessoal da mansão saiu à procura do marquês.

— Oh, querido, conte a história inteira, desde o começo.

— Nem eu entendi o que houve. Quando voltava para casa, uma meia dúzia de pessoas me fez parar. Todas elas falavam ao mesmo tempo, contando que, logo após o almoço, John convidou o marquês para irem ambos ver uns potros de um ano, nos pastos ao norte do parque.

— Sim, e daí?

— Os dois cavalgavam sem pressa, apreciando o passeio. De repente, um dos cavaleiros veio a galope ao encontro deles, avisando que havia um visitante na mansão que precisava ver o conde, com urgência. Apesar de aborrecido, John resolveu voltar e pediu ao marquês que seguisse em frente sozinho.

— Quem esperava pelo conde?

— Parece que ninguém na vila sabe quem era essa pessoa, querida. No entanto, John ficou em sua casa apenas uns minutos e saiu em seguida, vindo ao encontro do marquês.

— E o que aconteceu? — perguntou Elma, aflita.

— Ele não viu mais o marquês!

— Como pode ter acontecido isso? — espantou-se a sra. Brooke.

— Não havia sinal do marquês... em canto algum! Sem compreender, John voltou para os estábulos. Lá chegando, viu apenas o cavalo do marquês vindo a galope, os estribos balançando e a sela vazia!

— Ele parecia um excelente cavaleiro! — admirou-se Elma, incrédula.

— E é. Já me disseram que ele se orgulha de dizer que ainda não nasceu cavalo que possa derrubá-lo da sela.

— Ao que tudo indica, dessa vez ele foi derrubado — comentou a Sra. Brooke.

— Todos pensam que foi isso que aconteceu. John mandou os cavaleiros saírem a cavalo, à procura do marquês.

— E ainda não o encontraram?

— Não há sinal dele!

— Isso é impossível, papai! Ele deve estar em algum lugar, não muito distante daqui!

— Assim que terminarmos o jantar, irei até a mansão a fim de ver em que posso ajudar. Wade organizou buscas por todos os cantos, mas os resultados foram infrutíferos.

Com fama de sensato, Wade trabalhava há muitos anos como mordomo na mansão. Era um homem pouco falador, digno de toda confiança, que não costumava exagerar nas informações.

— De fato, você deve ir até lá e ver se precisam de sua ajuda, querido.

— É uma pena que animais não possam falar — disse o pastor, sorrindo para a esposa. — Só o cavalo que o marquês montou sabe onde deixou seu ilustre cavaleiro.

Entregue aos seus pensamentos, Elma tentava imaginar onde uma pessoa que desconhecia a região poderia ter-se perdido.

— Acho que todos devemos procurar o marquês — murmurou a Sra. Brooke, preocupada.

— Lógico! O que me intriga é ele não estar aqui na vila... Bem, eu estava pensando em passar uma noite calma em casa com vocês, mas não posso. Você acha que seria melhor levar Elma comigo, querida?

— Não. Prefiro que ela fique e me faça companhia.

Assim que o pastor se retirou, Elma e a mãe sentaram-se na sala de estar, fazendo suposições sobre o que teria acontecido com o marquês.

— Você esteve com o marquês esta manhã quando se encontrou com Marilyn, não, minha filha? Como é ele?

— O melhor modo de descrevê-lo é como um homem entediado e irônico ao mesmo tempo.

— Por que ele seria assim?

— Talvez seja porque ele sempre teve tudo o que quis, eé, bem sucedido no que faz.

— Pensa que Marilyn se apaixonou por ele?

— Sei que ela está interessada em casar com ele. Naturalmente, essa união agradaria bastante a tia Edith.

— Claro....

Continuaram conversando amenidades até as onze horas da noite, quando o pastor voltou.

Assim que ele entrou no hall, a mulher e a filha ergueram-se depressa, ansiosas.

— Alguma notícia, papai?

— Nenhuma! É inexplicável... Jamais vi John tão agitado.

— Como está Edith? — indagou a sra, Brooke.

— Ela não me deu muita atenção. Como deve imaginar, ficou cuidando de Marilyn, que está muito deprimida.

— É horrível acontecer uma coisa dessas a um hóspede! Será que não podemos fazer algo para ajudar seu irmão?

— Nada, a não ser rezar para que o marquês não tenha sido assassinado por algum malfeitor que lhe quisesse roubar o dinheiro... Talvez eu não devesse falar sobre isso, mas John acha que tudo pode ter sido tramado pelo primo do marquês, seu possível herdeiro, Roxford de Ville.

— Que nome estranho... — murmurou Elma.

Acomodando-se à poltrona que havia em frente à lareira, o pastor explicou:

— De Ville é um sobrenome francês. Acredito que sua origem seja normanda e remonte ao tempo de Guilherme, o Conquistador.

— Acredita que esse homem, Roxford de Ville, tenha matado o marquês?

— Pessoalmente, não aposto nessa hipótese, querida. No entanto, de acordo com John, há uma grande animosidade entre os dois primos. O marquês pagou dezenas de dívidas do primo e, ultimamente, vem se recusando a fazê-lo.

— Se o marquês morresse, Roxford herdaria a fortuna dele? — interveio Elma,

pensativa.

— Sim. Isso se ele não for preso e enforcado por assassinato.

— Então, sendo o principal suspeito de qualquer tentativa contra a vida do marquês, certamente ele não seria tolo de se arriscar!

— Concordo com você, minha filha. É por isso que duvido que o marquês tenha sido assassinado. Amanhã, John mandará homens continuarem as buscas, e também irei ajudá-los. Acho melhor ir me deitar um pouco. Obrigado por terem me esperado, minhas queridas.

Os três subiram a escada juntos, e Elma despediu-se dos pais com um beijo carinhoso, antes de ir para seu quarto.

Apesar de pequeno, o aposento tinha um aspecto bastante aconchegante, com suas cortinas em tons suaves e as várias prateleiras, nas quais a jovem guardava os tesouros que colecionava desde criança.

Olhando para uns bibelôs de porcelana que ganhara de Marilyn, sentiu muita pena da prima. Não era difícil imaginar o quanto ela sofria, ao imaginar que o homem com quem queria casar talvez estivesse morto.

Ao mesmo tempo, a intuição de Elma lhe dizia que o marquês não tinha a menor intenção de se casar com Marilyn, mantendo-se indiferente aos esforços dela para conquistá-lo.

"Pobre Marilyn!", pensou, suspeitando. "Ela ficará tão desapontada... Mas, sem dúvida, quando for a Londres, conseguirá atrair a atenção de dezenas de outros homens, ansiosos por cortejá-la!"

Abrindo as cortinas, Elma deitou-se e pôs-se a observar as estrelas cintilantes e a lua que, soberana, dominava o firmamento.

Era lua cheia e, de acordo com os aldeões, em noites assim as bruxas se reuniam à meia-noite e depois saíam voando em suas vassouras de palha.

Com um arrepio, Elma teve a impressão de visualizar a silhueta de uma bruxa contra a luz.

Levantando-se de um salto, passou uma das mãos pelos cabelos, ao mesmo tempo em que refletia sobre a idéia que acabara de lhe ocorrer.

Caso o tio estivesse certo e o primo malvado do marquês o houvesse assassinado, só havia um lugar onde o corpo poderia estar escondido...

Nenhum dos moradores da vila, ou de qualquer lugar nas terras do conde, ousaria procurá-lo na cabana da velha Sra. Wombatt, localizada no meio do Bosque das Bruxas. Todos tinham pavor daquele lugar, julgando-o assombrado. Graças a isso, mesmo as pessoas mais sensatas e menos crédulas como Wade, preferiam não se aproximar da cabana no bosque.

— O marquês deve estar na cabana... — murmurou Elma, excitada com a própria descoberta.

O melhor a fazer talvez fosse contar ao pai sobre suas suspeitas. No entanto, havia o risco de passar por tola, caso estivesse enganada. Por outro lado, Elma estava dominada por um impulso inevitável de ir naquele momento à cabana da velha... Sabia que os riscos eram grandes, mas um apelo mais forte do que a razão a impelia a seguir adiante.

Vestindo a primeira roupa que encontrou, ela amarrou os cabelos com uma fita e jogou um xale sobre os ombros para se proteger do frio.

Em seguida, abriu a porta sem fazer barulho e saiu cautelosamente, descendo a escada com os sapatos nas mãos.

Depois de sair pela porta da cozinha, calçou os sapatos e atravessou o jardim, ganhando a rua.

Rezava para que ninguém a tivesse visto, pois seus pais e Nanny ficariam atônitos caso descobrissem que ela se aventurara a andar pelas ruas àquela hora da noite.

Evitando os portões que levavam ao parque através do jardim da mansão, subiu no muro e saltou para o outro lado. Caiu no gramado macio e seguiu apressada em direção ao Bosque das Bruxas.

Por sorte, o bosque era bastante próximo à vila, o que talvez tivesse motivado a sra. Wombatt a construir ali sua cabana.

Isso acontecera no tempo do avô de Elma, um homem alegre e afável, adorado por todos que moravam em suas terras.

Na época, ele não só consentira que a velha morasse naquele lugar, como designara dois empregados para ajudá-la na construção da humilde cabana, onde ela vivera sozinha durante vários anos.

Entrando no bosque, Elma sentiu um arrepio de medo e se perguntou o que faria caso as histórias contadas pelos moradores da vila fossem verdadeiras.

Entretanto sabia que, mesmo que chegasse a ver coisas estranhas e ouvisse a música que animava a festa das bruxas, nada de mau lhe aconteceria. Afinal os elfos e as fadas, que lhe povoavam a imaginação, eram amigos de Elma desde a infância e certamente a protegeriam.

À luz do luar, o bosque tinha um aspecto encantador, tornando impossível a suspeita de que qualquer maldade viesse estragar tanta beleza.

Os raios da lua filtravam-se por entre os ramos das árvores, refletindo seu brilho prateado ao longo do caminho. No alto, inúmeras estrelas pontilhavam o céu, criando um quadro de rara e fascinante magia.

Desde criança, Elma acreditava que, se encostasse o ouvido no tronco de uma árvore, ouviria uma espécie de canção, entoada pelos gnomos que habitavam as grossas raízes das árvores mais antigas.

Envolta nessas fantasias, ela logo venceu a distância que a separava do centro do bosque, uma clareira na qual se localizava a cabana.

A primeira coisa que avistou foi o pequeno lago, onde a Sra. Wombatt lavava suas roupas e tirava água para beber.

Agora, ele estava cercado por íris floridas, e sua superfície serena refletia a claridade do luar.

Um pouco adiante encontrava-se a cabana, semi oculta pela vegetação que se tornara mais alta durante todos aqueles anos. Era de se admirar que a cabana continuasse bem conservada, considerando-se que não era habitada há tanto tempo. Seu telhado permanecia intacto, e a chaminé não demonstrava qualquer sinal de decadência. Para completar, as duas janelas da frente estavam pregadas com tábuas.

Estranho... Quem teria feito aquilo? Bem, fosse quem fosse, tratava-se de alguém que não tinha medo da maldição da Sra. Wombatt.

Com o coração acelerado, Elma aproximou-se da modesta construção e empurrou a porta, constatando que uma grossa tranca de madeira a atravessava de um lado ao outro, prendendo-se nos batentes com dois ganchos de ferro. Ao que tudo indicava,

aquilo também tinha sido colocado ali há pouco tempo.

Após remover o pedaço de madeira, Elma preparou-se para abrir a porta e, pela primeira vez, sentiu medo.

Nesse instante, o pio de uma coruja tranqüilizou-a. Se as criaturas da floresta não estavam amedrontadas, ela também não tinha o que temer.

Controlando a respiração, entreabriu a porta e esperou um pouco, até que os seus olhos se acostumassem à escuridão. Só então, notou alguma coisa no centro da pequena sala... Devia ser o marquês.

Rezando para que ele não estivesse morto, avançou alguns passos, ajoelhando-se ao lado do corpo inanimado.

Examinando-o com gestos rápidos, notou que a pulsação do marquês estava fraca. Os olhos dele permaneciam fechados e o sangue lhe escorria de um ferimento na testa.

Na certa o marquês tentara resistir e seus agressores o haviam espancado, até deixá-lo inconsciente.

— Preciso buscar socorro — ela disse.

Decidida, ela se levantou e o marquês abriu os olhos, mexendo as mãos como se lutasse para voltar à realidade.

— O que aconteceu? — murmurou o marquês, a voz enfraquecida.

— Você está salvo — tranqüilizou-o Elma. — Acho que alguém o acertou na cabeça.

Reunindo todas as forças, ela o ajudou a sentar-se, amparando-o pelas costas.

Deixando escapar um gemido, o marquês pôs uma das mãos na testa, como se sentisse vertigem.

— Agora você está bem — repetiu Elma, com suavidade. — Mas gostaria de arrumar um jeito de tirá-lo daqui.

A bem da verdade Elma temia que quem quer que tivesse levado o marquês à cabana e deixado-o desacordado voltasse para acabar com a vida do prisioneiro ou simplesmente para verificar se ele continuava vivo.

Olhando para o marquês sentado à sua frente, ela notou que a manga da camisa dele encontrava-se rasgada nos ombros, e a gravata de seda, amassada. .

Sem dúvida, os agressores não estavam para brincadeira, e seria prudente os dois saírem dali o mais rápido possível.

Depois que o marquês descansou por alguns minutos, Elma disse com delicadeza:

— Não quer ficar em pé? Eu o ajudarei. Acho melhor não deixá-lo aqui sozinho para ir buscar socorro.

Em resposta, o marquês estendeu os braços procurando algo em que pudesse apoiar-se.

Oferecendo-lhes as mãos, ela se esforçou ao máximo para ajudá-lo a levantar-se. Feito isso, enlaçou-o pela cintura.

Devagarinho, temendo a cada instante que o marquês desfalecesse, conduziu-o até a porta.

Já do lado de fora da casa, os dois seguiram através do caminho iluminado pelo luar...

Depois de andarem um bom pedaço, Elma se perguntou como agüentara trazê-lo para tão longe, tendo de suportar quase todo o peso dele em seus ombros e ainda guiá-lo pelo caminho.

Sem emitir um único som, o marquês fechava os olhos e deixava-se levar como uma criança.

Apenas a certeza de que, se os malfeitores chegassem, eles estariam perdidos dava-lhes força e coragem para prosseguir.

Após uma hora de caminhada, ambos chegaram ao muro que Elma pulara quando saíra de casa.

Nesse instante, o marquês tornou a perder os sentidos e desfaleceu, incapaz de avançar um único passo.

Ajeitando-o melhor, Elma decidiu correr até sua casa e chamar o pastor. Não demoraria mais do que alguns minutos para fazê-lo, e o risco de que alguém encontrasse o marquês ali, àquela hora, era muito pequeno.

Embora se sentisse exausta, o medo deu-lhe ânimo para atravessar a distância que a separava da porta da cozinha.

Subindo a escada correndo, Elma entrou sem bater no quarto dos seus pais.

— Que foi, querida? — perguntou-lhe a mãe, acordando.

— Papai... papai... — disse Elma, ainda ofegante. Assustado, o pastor sentou-se na cama.

— Que aconteceu? Quem está me chamando?

— Eu encontrei... o marquês!

— Você encontrou o marquês?! Onde ele estava?

— No Bosque das Bruxas... Eu o trouxe comigo até o... muro. Ele está muito ferido.

— No Bosque das Bruxas? Não entendo como chegou lá.

— Os homens que o atacaram o levaram até a cabana... Bateram-lhe na cabeça, mas felizmente ele continua... vivo!

Compreendendo que não havia tempo a perder, o pastor levantou-se de um salto, dizendo à filha:

— Vá chamar Nanny. Avise-a de que vamos precisar de água quente e bandagens.

Enquanto seus pais mudavam de roupa, Elma desceu, para fazer o que lhe haviam pedido. Estava na cozinha com a velha babá, quando o pastor desceu a escada.

— Venha mostrar-me onde deixou o marquês, querida. Acha que conseguirei trazê-lo sozinho?

— Eu o trouxe da cabana até o muro.

Os dois sorriram, e Elma saiu correndo, guiando o pai até o lugar onde deixara o marquês. Juntos, conseguiram reunir forças para levá-lo até a casa paroquial, onde Nanny já providenciara bandagens feitas com lençóis velhos, pusera água para ferver e separava alguns dos remédios preparados pela sra. Brooke com plantas medicinais e mel.

No quarto de Peter, o pastor vestiu-o num dos seus camisolões de dormir e medicou-lhe os ferimentos, ajeitando-o na cama a seguir.

— Não há mais nada a fazer por ele esta noite — comentou a Sra. Brooke.

— Agora vá para a cama, minha filha. Ficarei aqui ao lado do marquês, para o caso de ele acordar. Quando o dia clarear, irei até a mansão e mandarei um dos cavaleiros chamar o médico. John precisa saber que seu hóspede está salvo, mas extremamente debilitado.

Assentindo, a Sra. Brooke foi até a velha poltrona e pôs nela um travesseiro para o marido repousar a cabeça.

— Vou pegar um banquinho para você colocar os pés, querido, e uma manta. Acredito que o marquês só voltará a si daqui a algumas horas.

— Não se preocupe. Vá descansar um pouco, que amanhã teremos um dia difícil pela frente.

— Sabe que detesto vê-lo mal acomodado. E, do jeito que trabalha, você precisa descansar ao máximo.

— Você sempre tem razão. Mas eu vou buscar o banquinho. Onde está?

— No lugar de sempre, em frente à penteadeira. Passando um dos braços ao redor dos ombros da filha, a Sra. Brooke indagou:

— O que a fez ir à cabana da Sra. Wombatt, meu anjo?

— Achei que seria um bom esconderijo, pois ninguém ousaria procurá-lo ali. Alguma coisa me dizia que os malfeitores esconderiam o marquês na cabana.

De repente, Elma deu um grito:

— Mamãe! Sei quem ensinou aos bandidos o lugar para esconder o marquês...

Recordando-se da conversa que tivera com a Sra. Burles, acrescentou:

— Foi Ben! Ele sabia que ninguém se aproximaria da cabana com medo de ser amaldiçoado. Mas... por que Ben foi se envolver nisso? E por que atacaram o marquês? Se papai estiver certo, então o primo dele...

— Também não compreendo nada, minha filha. Mas, se tiver razão, Ben estará em apuros e seu tio John não gostará de ver uma das pessoas da vila envolvida.

— É melhor eu não dizer nada. São apenas suposições.

— Tem razão. O próprio marquês explicará o que aconteceu. Vamos esperar...

— Claro!

Pouco depois, sozinha em seu quarto, Elma analisou que a prima ficaria furiosa quando descobrisse que o marquês passara a noite na casa paroquial.

— Não tenho culpa... — murmurou baixinho, imaginando o olhar que Marilyn lhe lançaria.

CAPÍTULO V

Durante dois dias, o marquês ficou inconsciente, murmurando coisas sem nexo e debatendo-se na modesta cama de Peter.

O médico, um velho amigo que morava na cidade vizinha, fora vê-lo e dissera sorrindo:

— Ele deve repousar bastante. Os remédios milagrosos da Sra. Brooke são melhores do que qualquer medicamento que eu possa receitar.

De fato, as poções preparadas pela mãe de Elma curavam inúmeros males e eram famosas em todo o condado.

Após examiná-lo, o médico declarou que o marquês lutara com os malfeitores e fora atingido na cabeça por uma coisa muito pesada, talvez um pedaço de madeira, o que confirmava as suspeitas de Elma.

Seguindo as recomendações do médico, a Sra. Brooke continuou a aplicar seus remédios caseiros nas juntas dos dedos e nas contusões que o marquês tinha pelo corpo, no que era auxiliada por Hickson, o criado particular que viera da mansão.

Apesar de jovem, o rapaz fizera uma grande amizade com Nanny e, através do conde, cuidava de manter a casa do pastor abastecida com o que havia de melhor: pernil de cordeiro, filés de boi, galinhas, pombos e outras mil coisas que a família de Elma jamais poderia comprar.

Constrangida a princípio, a Sra. Brooke protestara:

— Não posso aceitar tudo isso do conde.

— Deixe as coisas por minha conta, madame — respondera Hickson. — O marquês está acostumado a tal tratamento e deve ter o melhor.

O conde, por sua vez, entrava e saía a toda hora da casa do irmão, insistindo em que seu hóspede voltasse para a mansão.

Na certa, era Marilyn quem pedia ao pai para levar o marquês para sua casa. No entanto, assim que recuperou a consciência, ele disse francamente que preferia continuar hospedado na casa paroquial.

— Disponho de todo o conforto aqui. Além do mais, o dr. Grayson exigiu que eu permanecesse em repouso.

Por mais estranho que parecesse, ele se mostrava mais à vontade no modesto aposento, cujas paredes estavam forradas pelos troféus ganhados por Peter, do que no meio do luxo da mansão.

Depois de alguns dias de repouso absoluto, o marquês já estava bom o suficiente para conversar e explicou ao conde e a seu inesperado anfitrião o que realmente acontecera.

Naquela mesma noite, o pastor contou à esposa e à filha o que ouvira do marquês.

— Foi mais incrível do que havíamos imaginado, mas confirma o mau caráter de De Ville.

— Estamos curiosas, querido.

— Vou lhes contar o que sei. A memória do marquês ainda está um pouco falha e deve demorar algum tempo para que ele volte a raciocinar com clareza...

Ao que tudo indicava, assim que o conde fora chamado à mansão, o que aliás não

passara de um ardil para deixar o outro sozinho, o marquês continuara seu caminho. Contornara o Bosque das Bruxas e seguira na direção indicada por seu anfitrião.

Como ia devagar, tinha sido fácil para os seus três agressores saltarem a sua frente, derrubando-o do cavalo. Imaginando que os desconhecidos fossem salteadores de beira de estrada, o marquês lutara. Entretanto, fora dominado e arrastado para o meio do bosque. Ali, um quarto homem, bem mais jovem do que os demais, acertara-o com um murro que o fizera cambalear e bater a cabeça no tronco de uma árvore, desmaiando.

— Dois dos homens talvez fossem estrangeiros ou ciganos, mas o terceiro parecia vir de outro meio, pois era bem-educado — dissera o marquês ao pastor.

Inclusive, fora ele quem escrevera uma carta contendo instruções para o treinador de Firefly tirar esse cavalo da corrida pela taça de ouro, em Ascot.

Como o marquês recusara-se a assinar o papel, que devia ter sido roubado de sua casa em Londres, pois era timbrado, um deles lhe acertara uma violenta pancada na nuca, que o deixara inconsciente pela segunda vez.

Sem dúvida, aquele plano fora arquitetado por Roxford de Ville, que detinha metade das apostas feitas no cavalo que ganharia facilmente o grande prêmio, sem Firefly no páreo.

— De Ville deve ter faturado uma grande quantia — observou Elma.

— Claro! Mas na verdade a trama é mais complicada do que aparenta. Os bancadores de apostas alardearam que outros cavalos eram os favoritos, mas concentraram suas próprias apostas em um ótimo cavalo que eles anunciaram como azarão. Ou seja, eles sabiam que esse azarão teria todas as chances de ser o vencedor.

— Isso não é ilegal? — indignou-se a Sra. Brooke.

— Não é ilegal, porém desonesto. O cavalo que eles indicaram como favorito não se classificou, e o azarão realmente venceu o páreo, pagando dezesseis por um — completou o pastor, inconformado.

— Então devem ter feito uma fortuna, papai!

— Era esse o plano de De Ville. Como ele não é tolo, deu ordens para que não matassem o marquês, quando o apanhassem. Por isso o levaram para a casinha da Sra. Wombatt e o deixaram jogado no chão, desacordado e ferido. Esses bandidos já haviam sido informados de que ninguém ia àquela cabana. De qualquer modo, foi uma tentativa de assassinato, pois, se Elma não houvesse sido esperta o bastante para pensar que o marquês só poderia estar lá, ele teria morrido naquela mesma noite ou no dia seguinte. Infelizmente, não temos provas contra os bandidos.

— Que coisa horrível! — exclamou a sra. Brooke, meneando a cabeça, num gesto inconformado.

— O que o marquês pretende fazer, papai?

— John conversou com o chefe de polícia e está pensando em acusar De Ville. Entretanto, não existem provas contra ele, e os outros homens desapareceram, depois de terem recebido um bom dinheiro pelo serviço.

— Mas o Sr. De Ville... poderá tentar matar o marquês outra vez... — murmurou Elma, assustada.

— Existe esse risco, querida... No momento, porém, precisamos cuidar para que ele se restabeleça o mais depressa possível.

No dia seguinte a essa conversa, sabendo que o marquês estava melhor, Elma resolveu visitá-lo.

A manhã já terminava, seus pais haviam saído para realizar algumas visitas e Nanny fora fazer compras na vila.

Após bater à porta, Elma entrou, encontrando o marquês sentado na cama, a cabeça apoiada em dois travesseiros.

Apesar de magro e um pouco abatido, sua melhora era notável, e suas bandagens tinham sido substituídas por um pequeno curativo.

Quando a viu parada à porta, ele abriu um sorriso simpático.

— Entre, Elma! Estava mesmo desejando que viesse me visitar.

— Só não apareci antes porque você precisava repousar.

— Já enjoei de ficar parado! Além disso, queria conversar com você.

— Estou aqui — disse ela, sorrindo e sentando-se numa cadeira ao lado da cama.

— Talvez queira que eu leia alguma coisa.

— Mais tarde pode fazer isso. Primeiro gostaria de lhe agradecer por haver salvado a minha vida. Seu pai me contou que você foi até o Bosque das Bruxas no meio da noite... Por que se arriscou tanto?

— É difícil explicar, mas eu tinha o pressentimento de que indo lá eu o encontraria...

— Fico-lhe muito grato. Não sentiu medo de ir ao bosque sozinha, à noite? Hickson me contou que a vila inteira fala do Bosque das Bruxas com pavor.

— Não tenho medo. Desde criança, amo os bosques e não acredito nas histórias que contam sobre a Sra. Wombatt. Acho bobagem acreditar que ela dançava ou dance com o diabo.

— Mas achou que lá seria um lugar apropriado para mim — zombou o marquês, fingindo-se ofendido.

— Para ser franca, naquela hora nem pensei em seu apelido. Mas confesso que senti medo na hora em que abri a porta.

— E o que fez, então?

— Foi uma pena eu não ter lembrado naquela hora, mas sei uma ladainha celta que mamãe ensinou quando eu era criança. — Ato contínuo, Elma recitou: — Dos feiticeiros e bruxos, do demônio tentador, dos lobisomens, fantasmas, das bestas, de todo o horror que nos assombra à noite, livrai-nos bom Deus e Senhor!

Quando ela terminou, o marquês riu.

— Creio que essa ladainha teria sido bastante eficaz, mas, como não a recitou, calculo que tenha feito outra oração para se manter protegida e salva.

— Não foi necessário. O pio de uma coruja me acalmou. Sei que os animais não estariam no bosque caso houvesse algum perigo nas redondezas. Além disso, conto com a proteção das fadas e elfos desde criança.

Quando se lembrou de que conversava com o marquês, Elma enrubesceu, achando-se uma verdadeira tola.

— Bem, o importante é que o encontrei e agora você está salvo.

— Quase não acreditei quando seu pai me contou que você suportou o meu peso desde o bosque até o muro, no começo da estrada... — Num impulso, o marquês estendeu uma das mãos em sua direção. — Dê-me sua mão, Elma.

Avançando um passo, ela fez o que lhe fora pedido.

— As palavras são muito pobres e inexpressivas para traduzir toda gratidão que uma pessoa sente por quem lhe salvou a vida. Por isso, estou procurando um meio de

expressar melhor o que sinto.

Constrangida. Elma desviou o olhar.

— Por favor, não me deixe embaraçada. Na verdade é à minha mãe que você deve agradecer. Graças aos remédios dela, dentro de uns dois dias estará ótimo.

— Conte o que aconteceu na mansão, quando notaram o meu desaparecimento.

Tentando alegrar o marquês, ela contou de maneira pitoresca o alvoroço que houvera na mansão naquele dia.

— Tio John planejou uma verdadeira operação militar para dar buscas por toda parte. Ele devia se sentir um estrategista de guerra.

— Então sua prima ficou deprimida... — observou o marquês, num tom vago.

— Bastante! Marilyn espera que você volte para a mansão, assim que puder mover-se.

— Eu imagino... — murmurou ele, enigmático. O silêncio que se seguiu só foi quebrado pelo marquês, instantes depois: — Você e sua prima se dão bem?

— Fomos excelentes amigas quando crianças. Tínhamos a mesma governanta e os mesmos professores. Para mim, era ótimo montar os puros-sangues que tio John possui e freqüentar a biblioteca da mansão.

— Mas o que aconteceu depois?

Na certa, o marquês já percebera que Marilyn a banira da mansão por pura inveja.

Entretanto, Elma resolveu desviar o rumo da conversa:

— Conversamos bastante hoje, e você não deve ficar cansado. Trouxe o jornal de quarta-feira e, se quiser, posso ler sobre as corridas pela taça de ouro.

— No momento, ando mais interessado pelo que acontece aqui. Não compreendo por que seus pais são pobres e precisam economizar cada centavo, passando até necessidade, quando seu tio é tão rico.

— Com certeza, você deu ouvidos a Hickson, que por sua vez conversa demais com Nanny. Não dê crédito ao que eles dizem!

— Não foi nada disso. Basta eu usar os meus olhos para notar que Marilyn não dá sequer um vestido para você.

Sentindo-se ofendida com o comentário, Elma ergueu o queixo de modo desafiador.

— Pode criticar o quanto quiser, milorde, mas eu nunca trocaria a simplicidade de minha casa por todo o conforto da mansão dos meus tios. Não são os bens materiais que contam.

— E o que é mais importante do que o luxo e o conforto?

— Pode rir se quiser, mas sendo rico você não entenderia que o dinheiro não compra a felicidade.

— Apesar disso, suponho que você gostaria de possuir lindos vestidos e ir a bailes, onde receberia o elogio de inúmeros jovens.

— Agora você falou como minha mãe. Ela também deseja que, como num passe de mágica, eu tenha vestidos, bailes e lindos cavalos. — Depois de uma breve pausa, ela sorriu. — Na verdade, tenho tudo isso!

De início, o marquês pareceu confuso e não respondeu. Mas logo seus lábios abriram-se, num sorriso sedutor,

— Claro! Tem tudo isso em sua imaginação.

— Exato! Para completar, as coisas mágicas não se estragam e ninguém pode

roubá-las, Além disso, são muito mais baratas!

— Se eu demorar muito, creio que serei apanhado por esses poderes mágicos, e não conseguirei escapar ao feitiço!

— Talvez você precise mesmo de alguns poderes mágicos para o caso de os bandidos voltarem a atacá-lo... Tome cuidado e trate de se proteger, porque os bandidos poderão ser mais bem sucedidos na próxima vez. Desconfio que não desistirão de destruí-lo.

— Se acontecer alguma coisa comigo, duvido que alguém vá chorar ou sentir minha falta.

— Que coisa mais triste de se dizer! Claro que as pessoas irão sentir sua falta e chorar por você! Muitos admiram suas qualidades de desportista, até mesmo os que o invejam. Posso até dizer quem sentirá sua falta.

— Quem?

— Seus cavalos, por exemplo, sofrerão com sua ausência. Ninguém que monte tão bem como você pode deixar de amar os animais. Eles sabem que são amados e, por isso, vencem tantas corridas. Quando você foi atacado, nem por um instante acreditei que seu cavalo o tivesse derrubado da sela,

— Nunca pensei nisso antes.

— Então, pense daqui para frente. Pode estar certo de que pelo menos os seus cavalos esperam ansiosos por sua volta.

Nesse instante, o conde entrou no quarto e olhou de modo desdenhoso para a sobrinha.

— Bom dia, tio John — cumprimentou-o Elma, com uma graciosa reverência.

— Bom dia, Elma. Como vai seu paciente hoje?

— Muito melhor.

— Que bom! Isso quer dizer que, com a permissão do médico, poderei levá-lo de volta para minha casa.

— Bem, sei que os dois gostariam de conversar a sós e o dr. Grayson insiste em que o marquês receba apenas uma visita por vez. Gostaria de tomar café ou vinho do Porto, tio John?

Ao mencionar a bebida, Elma receou que o tio notasse que ela lhe oferecia seu próprio vinho e abaixou a cabeça.

— Obrigado, Elma. Não quero nada.

Fechando a porta atrás de si, ela desceu a escada correndo. Quando chegou ao térreo, deparou com o pastor, que acabava de entrar.

— Pelo que vejo, John está aqui — disse ele.

Em seguida, ele apontou para o elegante faetonte do conde, puxado por dois lindos cavalos e com dois criados na boléia.

— Sim, papai. Ele chegou agora há pouco e está conversando com o marquês. É melhor esperar um pouco para subir, O dr. Grayson não quer que o marquês receba mais de um visitante ao mesmo tempo.

— Vou sentir falta do marquês, quando ele for embora. É um homem de inteligência brilhante.

— Também acho, papai.

Sem dúvida, sendo inteligente, o marquês acharia aborrecida a companhia de Marilyn caso viesse a casar com ela.

Afinal, a jovem jamais lia um livro, nem se interessava por política ou qualquer outro assunto que não se relacionasse à sua vida social.

— Onde está sua mãe? — indagou o pastor, tirando-a dos seus devaneios.

— Mamãe foi visitar diversas pessoas, inclusive a Sra. Burles, que não tem passado bem ultimamente por causa do filho.

— Aquele rapaz sempre foi um problema... — comentou o pastor, meneando a cabeça.

— Com quem esteve agora, papai?

— Como de costume, fui visitar uns homens que estão desesperados por não conseguir emprego. Preciso tornar a falar com John, mas só Deus sabe se ele vai me ouvir desta vez!

Nem bem pronunciou essas palavras, o pastor avistou o irmão, que descia pesadamente a escada.

— Que ótimo vê-lo, John! Como pôde notar, nosso paciente está se recuperando e voltando à boa forma de sempre.

— E, pelo que vi, está cheio de novas idéias também. — Dito isso, o conde se dirigiu para a sala de estar, sendo seguido pelo irmão.

— Deverille e eu conversamos sobre o problema do desemprego, pouco antes do atentado...

— Problema de desemprego?! — repetiu o pastor, surpreso.

— Correto. Discutimos o assunto naquele dia e hoje ele tornou a falar a esse respeito. Acredita que eu deveria desenvolver uma madeireira. Há muita procura de madeira agora que a guerra terminou, mas, como não tenho tempo para supervisionar o trabalho, deixarei essa tarefa em suas mãos, Stanton.

— Como assim? Pretende me presentear com uma madeireira?

— Exatamente. E o aconselho a começar logo. Empregue quantos homens achar necessário e inicie os trabalhos.

— Nem sei como lhe agradecer, John...

— Ora, só não quero me aborrecer com detalhes. Trate das despesas com meu contador. Vou pedir a ele que venha de Londres, para vocês discutirem o assunto. — Dito isso, o conde saiu da sala acompanhado pelo irmão.

Num silencioso agradecimento, Elma juntou as mãos. Sabia que devia a decisão do tio ao pedido do marquês. Então, fora assim que ele agradecera por ter-lhe salvado a vida...

Num ímpeto, desejou falar com o marquês, explicando o quanto aquilo representava para as famílias da região, e subiu depressa até o quarto dele.

Entrando sem bater, fechou a porta e pôs-se a olhar para o marquês deitado na cama. Ele já não lhe parecia cético ou zombeteiro, e isso a fez sentir-se estranhamente intimidada.

Com um ligeiro sorriso, o marquês fitou-a, encorajando-a a entrar.

— Que ótimo ter convencido tio John a... explorar a madeireira! — exclamou Elma, ajoelhando-se ao lado da cama dele. — Isso foi maravilhoso! Papai está tão feliz!

— Vejo que você também ficou contente.

— Claro! Tenho certeza de que mamãe também vai agradecer a Deus por isso, como eu... agradeço a você.

— Se o simples fato de eu ter sugerido a seu tio uma madeireira a fez ficar assim

efusiva, o que aconteceria se eu a presentasse com um colar de diamantes?

Deixando escapar um sorriso, Elma levantou-se.

— No momento, prefiro uma madeira para papai. Claro que não posso usá-la ao redor do pescoço, mas me orgulho de ter sido a responsável por lhe haver pedido que convencesse tio John a fazer algo pelos homens que não conseguem arranjar emprego.

Antes que o marquês pudesse responder, a porta se abriu, dando passagem à Sra. Brooke.

Com os cabelos presos à nuca e os olhos brilhantes de felicidade, ela parecia quase tão jovem quanto a filha.

— Espero que Elma já lhe tenha agradecido, como vou fazer agora — disse ela.

— Acho que seu marido se encarregará disso. Sente-se, Sra. Brooke.

Temendo ser inconveniente, Elma fez menção de sair do quarto.

— Fique, Elma — pediu ele, percebendo-lhe a intenção. — O que tenho a dizer também lhe interessa.

Apreensiva, a jovem acomodou-se numa cadeira.

— Desde que cheguei, tenho sido tratado com tanta bondade pela família toda que não sei como retribuir.

— Não queremos nada — disse a Sra. Brooke, com voz calma.

— Sabia que iria dizer isso, mas tenho por regra nunca deixar de pagar o que devo.

— Já nos sentimos satisfeitos por poder fazer alguma coisa pelo senhor — retrucou a Sra. Brooke.

— De qualquer forma, dou grande valor à minha vida, e Elma é a responsável por eu continuar vivo. Em circunstâncias normais, eu a presentearia com uma linda e valiosa jóia que expressasse minha gratidão. No entanto tenho outra idéia, para a qual espero obter sua aprovação.

Contendo a respiração, Elma relanceou um olhar de ansiedade para a mãe, enquanto o marquês prosseguia:

— Gostaria de levar Elma para Londres, durante semanas, antes que termine a temporada. Minha irmã, lady Langdon, é viúva e desde que o marido morreu na Batalha de Waterloo tem estado muito só e infeliz. Sei que ela ficará contente por receber Elma e apresentá-la à sociedade londrina. Com seu bom gosto, minha irmã ajudará Elma a escolher lindos vestidos e adorará representar o papel de fada madrinha!

— É impossível! Não podemos aceitar o que oferece — retorquiu a Sra. Brooke, incrédula.

— Nada é impossível. Não pode recusar o que é melhor para sua filha. Para ser franco, acho que ela está tendo uma oportunidade ímpar.

— Sim, eu sei, mas...

— Vou oferecer um baile na minha casa, em Londres, e minha irmã cuidará para que Elma seja convidada para todos os bailes até o final da temporada. Agora só nos resta fazer uma coisa...

— O que é?

— Elma deve ir a Londres no começo da semana. Não temos tempo a perder. Logo o príncipe parte para Brighton e depois disso a maioria das pessoas fecha suas casas e vai para o campo. — Com um sorriso, o marquês concluiu: — Espero que, com seus poderes mágicos, a senhora me coloque de pé para que o conto de fadas de Elma se

torne realidade.

— Meu Deus! Mal posso acreditar no que estou ouvindo. — murmurou a Sra. Brooke, emocionada, os olhos rasos de lágrimas.

Depois de haver conversado com os pais, discutindo todos os detalhes do plano que o marquês fizera para ela, Elma foi para seu quarto e pôs-se à janela, onde ficou olhando a lua e as estrelas.

Desde que ouvira o convite do marquês, parecia estar vivendo um sonho, como se uma varinha de condão lhe houvesse descortinado o futuro, envolvendo-a num mágico mundo luminoso em que tudo era possível.

Seu único receio era de que Marilyn e os tios ficassem zangados quando soubessem do convite do marquês. Talvez o conde até desistisse da madeireira, pois ele apenas aceitara a sugestão do marquês por imaginar que o teria como genro.

Bem, ainda havia a possibilidade de ele pedir Marilyn em casamento antes de partir. Afinal, Elma estaria a cargo da irmã dele, o que o deixava em liberdade para sequer visitá-la durante sua estadia em Londres.

Embora raramente fechasse as cortinas, Elma o fez naquela noite, preferindo afastar a beleza e o esplendor da noite enluarada.

Ficou um longo tempo deitada, mas não conseguiu adormecer. O marquês ocupava seus pensamentos, e ela o visualizava declarando-se a Marilyn, beijando-a...

De repente, Elma deu-se conta de que a lembrança daqueles lábios exigentes pressionando os dela ainda não a abandonara. Aliás, mesmo que o marquês não tornasse a beijá-la, ela jamais esqueceria que fora ele o primeiro homem a tocar-lhe a boca.

CAPÍTULO VI

Seguindo lady Langdon através do grande hall revestido de mármore, Elma perguntou a um dos criados:

— Sua Senhoria voltou?

— Sim. Chegou há alguns minutos e foi para a sala de leitura, senhorita.

Virando-se para sua anfitriã, que começava a subir a escada, a jovem declarou:

— Eu gostaria de conversar com seu irmão. Se não for precisar de mim agora...

— Não, já terminamos o programa desta manhã, minha querida. Pode ir falar com Favian — respondeu a elegante dama, dirigindo-se para os luxuosos aposentos do primeiro andar.

Com seu aspecto imponente, a casa do marquês era uma das maiores mansões de Piccadilly.

No andar térreo havia uma sala de jantar, biblioteca, sala de almoço e diversas outras saletas que recebiam denominações segundo sua função ou cor.

Os quatro salões de recepção localizavam-se no primeiro andar, onde havia também duas salas de visitas que se comunicavam e, quando aberta a grande porta, transformavam-se num imenso salão de bailes, capaz de acomodar pelo menos duzentos convidados. Além disso, aquele primeiro patamar contava com uma sala de jogos, uma sala de música e uma galeria com telas maravilhosas.

No segundo andar, alinhavam-se as inúmeras portas que correspondiam às suítes ocupadas pelo dono da casa e seus eventuais hóspedes.

Todos os dias, desde que chegara a Londres, Elma esperava acordar em seu pequenino e modesto quarto na casa paroquial, quase sem acreditar que não vivia apenas outra das suas fantasias.

Ainda se lembrava do dia em que a carruagem do marquês, puxada por quatro magníficos cavalos, chegara em frente à sua casa para levá-la a Londres. O marquês mandara também uma velha governanta para acompanhá-la na viagem.

Emocionada, a Sra. Brooke a abraçara na partida, com lágrimas nos olhos.

— Queria que viesse comigo, mamãe. Seria mais divertido passear em sua companhia do que depender da irmã do marquês.

— Infelizmente, não posso deixar seu pai. No entanto, me sinto radiante por você ter sua temporada em Londres. Nunca imaginei que isso fosse possível!

De fato, para Elma tudo aquilo parecia um presente dos deuses, e ela começava a temer que, maravilhada como estava, cometesse alguns enganos naquele mundo de sonhos do qual nada conhecia.

Entretanto, a recepção que tivera de lady Langdon fora tão calorosa que a ajudara a recuperar a tranquilidade.

— Que ótimo tê-la aqui! — dissera sua anfitriã, assim que ambas se viram a sós.

— Eu andava deprimida há tanto tempo que exultei ao receber o bilhete de meu irmão me contando sobre sua vinda. A primeira coisa que temos a fazer é lhe comprar um guarda-roupa com as peças mais encantadoras. Você se tornará a mais linda jovem de cada baile.

A sinceridade e alegria com que lady Langdon falara tudo aquilo tinham feito Elma afastar de vez todas as suas apreensões.

Na manhã seguinte à sua chegada, ela começara a visitar as lojas de Bond Street.

Como a temporada estivesse no fim, lady Langdon conseguira que as costureiras das melhores lojas criassem em tempo recorde modelos exclusivos para Elma.

Haviam tido tanta sorte que uma das lojas até cedera alguns dos vestidos que tinham sido feitos para o enxoval de uma noiva, o que os obrigaria a se desdobrar para tornar a confeccionar os modelos encomendados e entregá-los a tempo para as bodas.

Ao final daquele dia, a criada de quarto designada para Elma fora obrigada a guardar uma verdadeira infinidade de vestidos, chapéus e todos os tipos de acessórios, capazes de provocar inveja nas mais elegantes damas da sociedade.

Em seu primeiro baile, Elma fizera um sucesso estrondoso, recebendo tantos convites para dançar que não pudera atender a todos, embora não se houvesse sentido cansada em um único minuto.

Nos cinco dias que se seguiram, ela comparecera a três bailes e a duas recepções, além de diversos almoços e jantares. Algumas dessas festas haviam sido oferecidas por lady Langdon, outras por amigos da família. Enfim, naqueles poucos dias Elma estava vivendo intensamente e adquirindo experiências que valeriam por toda uma existência.

Agora, ao caminhar pelo corredor decorado com telas valiosíssimas e peças de rara beleza, Elma deu-se conta de que desde sua chegada a Londres ainda não conversara a sós com o marquês.

Durante os almoços na mansão, o marquês sentava-se como anfitrião, à cabeceira da mesa, tendo invariavelmente lindas e sofisticadas mulheres casadas ao seu lado. E, sempre que acompanhava a irmã e Elma a algum baile, ele ia para o salão de jogos, ou retirava-se mais cedo, como fizera na véspera.

Na noite anterior ela se virará para lady Langdon, indagando curiosa:

— Aonde foi Sua Senhoria?

Com ar condescendente, a anfitriã meneou a cabeça sorrindo.

— Esse é o tipo de pergunta que você não devia fazer, minha querida. Como deve imaginar, meu irmão tem muitas mulheres fascinantes ao seu redor, todas esperando que ele passe pelo menos algumas horas com elas. Infelizmente, Favian logo se cansa dessas companhias e está sempre procurando alguém que possa distraí-lo.

Por mais estranho que fosse, o marquês não parecia um homem feliz. Tampouco demonstrava qualquer interesse por alguma mulher em especial. Nem mesmo Marilyn conseguira arrancá-lo de sua casca de indiferença.

Na véspera de o marquês deixar Little Brookfield, a jovem fora visitá-lo, uma expressão furiosa no olhar.

Usava um lindo vestido de musselina estampada com pequenos ramos, num modelo da última moda, e um chapéu enfeitado com fitas cor-de-rosa e rendas.

Cumprimentara Elma de maneira fria e não escondera o ressentimento, enquanto seguia a prima até a saleta, onde o marquês repousava em uma poltrona junto à janela. Sem dúvida, Marilyn jamais compreenderia o que levava o hóspede de seu pai a trocar o conforto da mansão pela simplicidade da pequena casa do pastor.

Embaraçada, Elma deixara os dois a sós e subira para seu quarto, imaginando que o marquês aproveitaria a oportunidade para falar em casamento com Marilyn.

No dia seguinte, porém, Elma não ouvira qualquer comentário a respeito, embora fosse evidente que o marquês pretendia voltar ao modesto povoado, o que ficara

implícito na forma como ele se despedira de todos.

Afastando essas recordações, Elma aproximou-se da sala de leitura, bateu timidamente à porta e entrou a seguir.

Sentado à escrivaninha, o marquês depositou a pena a um canto e fitou-a de modo inquisitivo.

— Posso lhe falar... por uns minutos? Ou está muito ocupado? — indagou ela, a voz trêmula.

Em resposta, o marquês levantou-se e estendeu as mãos indo a seu encontro.

— Como vai, Elma? Devo lhe dar os parabéns por estar tão linda e elegante!

— Gostaria de saber como vem passando e também lhe perguntar se... não está cometendo excessos...

— Se você ficar se preocupando comigo como Hickson, acho que vou arrumar as minhas malas e deixar a Inglaterra!

— Mas é lógico que sempre nos preocuparemos com seu bem-estar!

— Bem, que tal sentar-se e me contar o que a aborrece? Intrigada com a percepção dele, Elma acomodou-se em uma das poltronas e, desviando o olhar, juntou as mãos sobre o colo.

— Eu... Não sei como traduzir em palavras o que quero dizer.

— Nesse caso, imagino que se tenha apaixonado. Quem é o felizardo?

— Não! Não se trata disso! Não é nada relacionado comigo...

— Então devo lhe pedir desculpas. Pensei que, como seu pai não estava presente, você quisesse minha permissão para casar com um desses jovens que pareciam apaixonados por você ontem à noite.

— Oh, não... Por favor, não brinque comigo, senão me sinto constrangida.

— Então, torno a lhe pedir desculpas e prometo não voltar a interrompê-la.

— Desconfio que vai achar horrível o que vou dizer... e tenho medo. ..

— Não é próprio de você sentir medo, Elma. Na verdade, sempre a considere bastante corajosa. Afinal, se as bruxas e todo o horror que nos assombram à noite não a assustam...

— Temo o que. .. possa pensar.

— Por quê? Seria algo assim tão terrível? Pensei que estivesse feliz em Londres.

— Tudo tem sido tão maravilhoso, tão perfeito!

— Nesse caso, o que há de errado?

— Sua irmã. .. tem sido a bondade em pessoa... e foi ela quem disse que você vai comprar mais dois vestidos de baile para eu usar no fim da semana que vem.

Respirando fundo para criar coragem, ela pediu:

— Por favor, não pense que é ingratidão de minha parte, mas será que poderia, em vez de gastar mais dinheiro comigo, comprar algumas roupas novas para Peter?

Abaixando a cabeça, Elma continuou:

— Isso não custaria mais do que os vestidos. Posso muito bem usar as roupas que já tenho. Mas Peter... sei que ele daria tudo para possuir umas roupas assim... como as suas.

— Então estava preocupada apenas porque queria pedir isso?

— Claro... pode parecer ambição demais ou ingratidão, depois de ter recebido tanto. Mas não quero que Peter se sinta de lado. Papai luta para manter os estudos dele em Oxford, mas Peter nunca poderá ter o que seus colegas possuem.

— Também estive em Oxford e compreendo como Peter se sente. Deixe seu irmão por minha conta.

— Quer dizer que vai fazer isso? Oh, muito obrigada... Muito obrigada!

Ele fez uma pausa, observando a euforia de Elma, antes de desviar o rumo da conversa:

— Devo dizer que me sinto imensamente grato à sua mãe. Fui hoje a meu médico, e ele falou que estou perfeitamente bem. Só preciso tomar cuidado para não me ferir no mesmo lugar outra vez.

— Então prometa que se cuidará bem!

— Primeiro foi Hickson quem pediu isso. Agora é você!

— Continuo pensando que podem atacá-lo quando estiver cavalgando no parque, ou voltando para casa tarde da noite,

— Não se preocupe que tudo estará bem comigo. Basta você se divertir e procurar ficar sempre tão linda como agora.

Curiosa para descobrir se ele estava mesmo sendo sincero ou apenas lisonjeando-a, Elma o fitou de modo penetrante.

— Você deve saber que tem sido a sensação nas rodas elegantes — continuou ele, como se houvesse adivinhado seus pensamentos. — Minha irmã está adorando tudo isso!

— Ela tem sido muito amável, mas por favor não se esqueça de avisá-la de que não preciso de mais vestidos.

— Duvido que ela me ouça. Já lhe prometi que vou cuidar de Peter.

— Mas eu não pretendia que fosse assim. Não quero que ele represente uma despesa extra.

— Um dia você afirmou que dinheiro não compra a felicidade e que as coisas materiais não são importantes...

— Não modifique o sentido das minhas palavras. Depois de ter feito tanto por mim e por minha família, fico sem graça por... receber mais ainda. Tenho certeza de que meus pais também pensam como eu.

— Ora, eu me recuso a comparar o valor de minha vida ao preço de alguns vestidos, ou a um baile que eu daria de qualquer forma assim que tivesse vontade de fazê-lo.

— Não quis dizer isso.

— Ouça, Elma, gosto de fazer os meus planos e não vou admitir que eles sejam desfeitos por você.

Percebendo-lhe a intenção, Elma sorriu, comovida.

— Agora está querendo me assustar, mas não vai conseguir! Ontem mesmo eu o comparava a um anjo luminoso que surgiu em minha vida, de repente.

— Não sou um anjo. Estou muito contente com o que sou. Não me canonize.

— Não preciso fazer isso. Já existe um halo ao redor de sua cabeça.

— Se existe, é por algum poder mágico com o qual você está me envolvendo. Talvez haja magia e sortilégios em cada canto da casa.

— Seria ótimo! A mágica que pode trazer felicidade é correta.

— Só não acredito que ela exista...

De volta a seu quarto, Elma escreveu uma carta a Peter, contando o que acontecera e a atitude amável do marquês que, a cada dia, mais lhe parecia um anjo de

bondade e desprendimento.

Algum tempo depois, usando um lindo vestido de noite, ela desceu para o salão de jantar. A caminho, encontrou Hickson vindo do hall e tendo nos braços a capa de noite do patrão.

— Boa noite, Hickson. O marquês está na sala de visitas?

— Não, senhorita. Pensei que milorde a tivesse avisado de que não jantaria em casa esta noite.

— Mas vai haver uma festa!

— O problema é que Sua Senhoria já havia prometido, há muito tempo, jantar em Carlton House. Sua Alteza Real partirá para Brighton amanhã.

— Compreendo! . . Imagino que ele ao menos vá ao baile, depois do jantar.

— Se o marquês saiu com intenção de ir ao baile, devia ter levado a capa. Corre o risco de apanhar um resfriado se ficar acordado até tarde sem agasalho.

— Pelo que notei, ele está muito melhor, — Apesar disso, precisa se cuidar.

— Sabe, Hickson, às vezes acho que os malfeitores que atacaram o marquês pretendem fazer o mesmo novamente.

— Também sou dessa opinião, senhorita. Entretanto, milorde não pensa em si e quando o alerta de que De Vitte tenciona matá-lo, ele apenas ri dos meus cuidados.

— Acredita mesmo que ele planeje... assassinar o próprio primo?!

— Lógico! Ele tentou uma vez e não descansará enquanto não conseguir. Escreva o que eu disse! Fale com o marquês. Ele não me ouve, mas talvez escute a senhorita. Por favor, procure convencê-lo do perigo, antes que seja tarde demais.

— Oh, Hickson, que devo fazer?

— Para ser franco, não sei. Já deixei uma pistola carregada, mas o marquês disse que ninguém iria atacá-lo em seu próprio quarto, a menos que tivesse asas.

— O marquês leva alguma arma consigo quando vai cavalgar pela manhã?

— Já lhe sugeri isso, mas ele diz que uma pistola estragaria a beleza do passeio.

Nesse instante, a conversa foi encerrada pelo burburinho que anunciava a chegada dos primeiros convidados para o jantar.

Com passos elegantes, Elma foi até a sala de visitas, onde lady Langdon se encontrava fazendo as honras da casa, na ausência do irmão.

Ao caminhar pelo tapete macio, Elma teve como uma súbita iluminação a certeza absoluta de que, o marquês estando fora, tudo lhe pareceria sem a mínima graça.

Perturbada com sua descoberta, ao final do jantar Elma não sabia sobre o que haviam conversado ou quem se sentara a seu lado à mesa.

A única preocupação que a dominava era a beleza de estar apaixonada, deixando-se invadir por aquele sentimento doce e suave... Entretanto, esse amor estava condenado. O marquês sempre estaria tão fora de seu alcance como a lua.

A princípio, amedrontada por suas observações zombeteiras, ela chegara a detestá-lo, considerando-o em suas fantasias como um vilão. Mas agora percebia que tudo isso se transformara em amor.

Afinal, que outro sentimento poderia tê-la guiado até o Bosque das Bruxas para salvar-lhe a vida? De onde viera a força que a fizera suportar o peso do marquês, levando-o em segurança para fora do bosque?

Como fora tola por não perceber que a felicidade e o entusiasmo que a haviam invadido nos dias em que ele ficara em casa nada mais eram senão amor.

Naquela época, não havia sido um toque de magia que transformara tudo na pobre casa paroquial. A atmosfera ali tornara-se mais feliz e cheia de vida pelo poder do amor.

A partir dessa descoberta, já não lhe importavam os elogios feitos pelos homens que conhecera nas festas e bailes.

Em vão, Elma tentava convencer-se de que devia usar todo seu bom senso e afastar o marquês do coração, pois não significava nada na vida daquele homem que lhe dedicava apenas gratidão. E gratidão era um sentimento muito pálido, se comparado à força avassaladora do amor.

Envolvida nesses pensamentos, Elma seguiu quase sem perceber para o salão onde teria lugar o baile daquela noite, numa das mais sofisticadas e importantes residências de Londres.

Apesar do brilho das jóias e da decoração requintada do ambiente, ela se movia como uma marionete, incapaz de interessar-se por qualquer coisa. E, embora não lhe faltassem pares para todas as danças, não conseguia concentrar-se no que os cavalheiros lhe diziam.

Dançava com lorde Wilchester, um cavalheiro que lhe fazia os maiores elogios, quando dois cavalheiros entraram no salão.

— Quando irei vê-la a sós? — perguntava o rapaz. — Posso visitá-la amanhã?

— Não tenho certeza...

— Há dois dias ouço essa mesma resposta. Tenho uma coisa para lhe dizer, mas precisamos estar a sós. — Dito isso, ele apertou-lhe a mão de maneira possessiva, sugerindo no olhar que pretendia propor-lhe casamento.

Na certa, um casamento com um cavalheiro tão rico e importante como lorde Wilchester deixaria os pais de Elma exultantes e, claro, agradaria também a lady Langdon. No entanto, ela jamais poderia aceitá-lo.

Na noite anterior, lady Langton comentara que lorde Wilchester não parava de fitá-la um único segundo.

— Você o conquistou, Elma! Gostaria que ele se declarasse, mas talvez isso seja pedir demais. Lorde Wilchester é um dos cavalheiros mais encantadores que conheço. Possui uma grande propriedade em Oxfordshire e uma belíssima mansão em Londres. Todas as mães ambiciosas em Londres têm tentado capturá-lo para suas filhas. Acho que, se ele pretender casar algum dia, escolherá uma das filhas do duque de Bedford.

Bem, a julgar pelo que acabara de acontecer, lady Langdon errara em sua previsão, o que colocava Elma numa situação embaraçosa. Seria difícil explicar a todos o que a levava a recusar uma proposta tão tentadora.

De repente ela olhou para a entrada do salão e deparou com o príncipe regente, que entrava acompanhado pelo marquês.

No instante seguinte, ambos juntaram-se a uma grande roda, e o marquês pôs-se a conversar com a anfitriã, ao mesmo tempo em que passava os olhos pelo salão, como se estivesse à sua procura.

Se lady Langdon achava que lorde Wilchester estava fora de seu alcance, o marquês então... Aliás, os comentários que faziam a seu respeito em quase todos os almoços e jantares apenas provavam isso.

— Você está na casa de Deverille — diziam alguns, espantados. — Deve ser uma

pessoa muito importante.

— Por que pensa assim? — indagava Elma.

— Deverille nunca é visto com jovens. Na verdade, ele está sempre em clubes fechados. — O cavalheiro que tecera esse comentário logo parecera embaraçado, e tentara amenizar as coisas. — Talvez eu esteja sendo rude. Quanto à senhorita, acredito que seja parente deles.

Sem se preocupar em desmentir, Elma divertia-se com os olhares ferozes e ciumentos que lhe lançavam as lindas mulheres que se juntavam ao redor do marquês quando ele a apresentava como sua hóspede.

Diante daquelas expressões hostis, Elma duvidava que mulheres tão belas não mantivessem todos os homens presos aos seus encantos. Entretanto, o marquês parecia estar acima dessas seduções, tratando a todas com a mesma fria polidez com que se dirigia a Marilyn e ao conde.

Para piorar, Elma tinha consciência de que, por mais lindos que fossem os vestidos que ganhara e por mais exuberante que estivesse, ela não passava de uma aldeã tola que fora confundida com uma vendedora de leite.

"É isso que ele acha de mim...", pensou, angustiada, sentindo-se mergulhar no pequeno inferno interior do amor não correspondido, das frustrações e dos anseios malogrados,

A poucos passos dali, o marquês a olhava e sorria, sem fazer o menor movimento para ir falar com ela. Um pouco mais tarde, quando o príncipe regente saiu, Deverille o acompanhou.

Já era quase de madrugada quando lady Langdon e Elma partiram sozinhas para a mansão, acomodadas na confortável carruagem puxada por dois belos cavalos.

— Você esteve adorável esta noite, querida. A duquesa comentou que você era, sem dúvida, a jovem mais linda do salão. Notei também que lorde Wilchester se mostrou muito atencioso ...

— Ele perguntou se poderia me ver amanhã.

— Sério? Ele quer vê-la a sós?

— Sim, mas não quero que isso aconteça.

— Querida criança, não diga tolices! Não compreende que ele quer lhe propor casamento? Se não fosse por essa razão, jamais lhe pediria para vê-la a sós.

— Desconfiei disso, no entanto não pretendo casar... com ele.

— Não quer casar com lorde Wilchester? Elma, você deve estar fora de si! Claro que deve aceitá-lo para marido. Seria o casamento mais maravilhoso a que uma mulher poderia aspirar. Para ser sincera, jamais imaginei que você conquistaria o coração do homem mais arredo do *beau monde*. Ah, claro! Existe também o meu irmão, mas este jurou que jamais se casará.

— Por quê?

— Ninguém lhe contou que Favian sofreu muito nas mãos de uma jovem, por quem se apaixonou ao terminar o curso em Oxford?

— Não. O que aconteceu?

— É uma história comum, mas teve conseqüências bem maiores do que supúnhamos na época.

— Como assim?

— Favian se apaixonou pela filha do duque de Dorset. Caroline era bonita,

montava muito bem e encantava Favian com seu jeito meigo e infantil. As duas famílias estavam felizes, e Favian acabara de herdar o título de marquês, além de uma herança inestimável que fazia inúmeras mulheres se atirarem a seus pés. Nossa família o aconselhou a deixar Londres por uns tempos e se estabelecer no campo, onde poderia estruturar-se melhor antes de assumir a administração de todos os negócios.

— Ele e Caroline ficaram noivos?

— Não oficialmente. Ninguém ignorava o compromisso entre ambos, mas o noivado oficial estava para ser anunciado na *Gazette* quando Favian descobriu que Caroline o traía de maneira revoltante.

— Que horror!

— Eu não podia acreditar que uma moça de família aristocrática se rebaixasse a ponto de manter encontros furtivos na fazenda do próprio pai.

— Quem era o amante dela?

— Um dos treinadores de cavalos do duque.

— Meu Deus! Imagino como todos reagiram...

— Foi uma vergonha! Uma lady jamais poderia comportar-se de forma tão vil. Eu soube do caso por terceiros, pois Favian jamais tocou no assunto comigo. Ele desconfiou de tudo a partir de uma carta anônima que contava sobre os encontros secretos, e surpreendeu Caroline em circunstâncias bastante comprometedoras.

— Na certa, ficou muito magoado.

— Desde então, meu irmão se transformou num homem cético, indiferente, amargo... Favian entrou para o Exército e lutou até Wellington se tornar vitorioso em Waterloo.

— Não sabia que o marquês havia estado no Exército.

— De acordo com o duque de Wellington, ele se revelou um excelente oficial. Depois que Favian voltou, esperávamos que fosse gozar a vida e se divertir. Para nossa surpresa, porém, ele parece não se interessar por nada.

— O marquês nunca tornou a se apaixonar?

— Tem havido muitas mulheres em sua vida. Para ser sincera, elas nunca o deixam sozinho. Nós temos rezado para Favian se casar, pelo menos a fim de evitar que Roxford de Ville fique com o título e o dinheiro da família.

Depois de um longo suspiro, ela continuou:

— Eu esperava que Favian se interessasse por Marilyn, aquela sua linda prima. Quando ele me disse que ia passar uns dias na casa do conde, pensei que fosse a bela moça quem o tivesse atraído...

Nesse momento, a carruagem parou diante da mansão e lady Langdon deu o assunto por encerrado.

— Devo admitir que estou morta de sono — disse, reprimindo um bocejo.

As duas subiram juntas a escada e foram para os seus respectivos aposentos, decorados com requinte e bom gosto.

Dividida por sentimentos contraditórios, Elma não podia afastar a imagem do marquês dos seus pensamentos.

Visualizava-lhe o rosto atraente e lamentava que ele tivesse sido traído pela mulher que amara.

Quando a criada que a esperara para ajudá-la a despir-se saiu do quarto, Elma foi até a janela e abriu as cortinas. Mais uma vez olhou o céu, admirando a lua que brilhava

tão fora de seu alcance... como o amor do marquês.

CAPÍTULO VII

Inquieta, Elma virava-se na cama, sem conseguir conciliar o sono, os pensamentos voltados para o marquês. Caso se unisse a outro homem, ou voltasse para a vila, jamais tornaria a vê-lo.

Além disso, preocupava-se com a segurança dele, compartilhando os temores de Hickson.

Em um dos vários bailes a que fora, ela perguntara a um senhor de meia-idade, com quem estava conversando:

— O Sr. Roxford de Ville, por acaso, está presente? Surpreso, o homem a observara por alguns segundos, antes de responder:

— Não imagino nossa anfitriã recebendo em sua residência pessoa tão pouco recomendável como o Sr. De Ville.

— Oh, desculpe... Não tive intenção de ser grosseira. Rindo, o velho balançara a cabeça, num gesto de condescendência.

— De qualquer modo, De Ville não se sentiria bem num ambiente como este.

— Por quê?

— Ele passa as noites na companhia de ciganos, em clubes noturnos mal freqüentados de Hampstead Heath. Soube que ultimamente se envolveu com trapezistas que se apresentam em Vauxhall Gardens.

— Como ele pode preferir esse tipo de gente?

Com expressão desolada, seu interlocutor fizera uma longa explanação sobre a má fama de Roxford de Ville, frisando o quanto ele era malvisto nas altas rodas.

Recordando-se dessa conversa, Elma relacionou-a ao fato de dois dos homens que haviam atacado o marquês parecerem ciganos e decidiu alertar seu anfitrião para não andar pelos lados de Hampstead Heath, embora duvidasse que ele lhe desse ouvidos.

Com certeza, o marquês iria rir e responderia que sabia cuidar-se muito bem. Talvez nunca se convencesse de que Roxford realmente pretendia matá-lo e não se cansaria de tentar.

Sentindo-se incapaz de ajudar o homem que amava, Elma atirou os lençóis para fora da cama e levantou-se, indo abrir a janela. Precisava de ar fresco para acalmar-se um pouco.

Recostando-se à moldura das grandes venezianas, lançou um olhar para o lado oposto da casa, onde se localizavam os aposentos do marquês.

Quando herdara a propriedade, ele não modificara a majestosa fachada que dava para Piccadilly, mas fizera uma reforma nos fundos mandando construir sacadas de ferro batido, que estavam muito em moda, sobretudo em Brighton,

Erguendo os olhos, Elma teve a impressão de que uma parte da chaminé parecia ter desmoronado, formando um monte de pedras no telhado. Ninguém devia saber daquilo, portanto, ela precisava avisar os criados para que verificassem o que havia acontecido.

De repente, porém, o que parecia ser um monte de pedras começou a mover-se, e Elma constatou, surpresa, que dois homens encontravam-se no telhado e espiavam para baixo.

Dali onde estava, Elma mal conseguia enxergar o que se passava, mas pressentia

que um grande perigo ameaçava a vida do marquês. Num lapso de segundo, a observação de Hickson de que alguém precisaria voar para entrar no quarto do marquês e o comentário do velho sobre o envolvimento de Roxford com os trapezistas de Hampstead Heath atravessaram-lhe a mente.

Apavorada, ela se deu conta do que acontecia e, sem medir as conseqüências de seu gesto, abriu a porta do quarto, ergueu a camisola e foi correndo pelo longo corredor que levava ao quarto do marquês.

Tinha consciência de que, se não fosse rápida, chegaria tarde demais e Roxford de Ville realizaria sua tarefa diabólica antes que ela pudesse sequer alertar o marquês.

Sem dúvida, o assassino poderia apunhalar o marquês ou atirar nele da sacada, sendo erguido por uma corda antes que alguém pudesse ver quem cometera o crime. Afinal, ninguém pensaria em procurar os bandidos no telhado... Enfim, o plano era perfeito!

Com a respiração ofegante, Elma alcançou a porta da suíte do marquês.

Tratava-se de um aposento espaçoso, de cujas sacadas podia-se avistar o jardim e o Green Park. Ao centro, ficava uma majestosa cama de quatro colunas, com cortinas de veludo carmesim e uma réplica do brasão da família à cabeceira.

No quarto em penumbra, havia apenas a claridade do luar através da porta que dava para a sacada. Ao caminhar para a cama do marquês a fim de acordá-lo, Elma notou que a claridade diminuía... as pernas de um homem já alcançavam a sacada.

— Milorde... — murmurou, o coração acelerado.

Não houve resposta. Cada vez mais aterrorizada, ela viu que um corpo se delineava na sacada, recortado contra a luz.

— Milorde... acorde — insistiu, quase em pânico. Estendendo uma das mãos para sacudir o marquês, tocou num objeto duro e frio que estava ao lado da cama, na mesinha-de-cabeceira. Era a pistola carregada que Hickson deixara ali.

Sem hesitar Elma apanhou a arma e, percebendo que o homem lá fora se desvencilhava das cordas que o haviam ajudado a descer, ergueu a pistola. Nas mãos dele brilhava um punhal, e o pânico a dominou, impedindo-a de refletir.

Mirando o invasor, Elma fechou os olhos e puxou o gatilho. Numa seqüência rápida, viu-se um clarão e uma explosão cortou o silêncio, sendo seguida por um grito agudo.

Tremendo, Elma tornou a abrir os olhos e constatou que já não existia ninguém na sacada. A cama do marquês encontrava-se vazia e uma porta lateral fora aberta, deixando entrar a luz que havia na saleta contígua ao quarto.

Recostado ao batente, o marquês a fitava de maneira inquisidora.

Deixando escapar um soluço, Elma jogou a arma a um canto e correu para ele, atirando-se em seus braços.

— Ele ia... matá-lo... — disse, com voz trêmula. Aninhando-a contra o peito, ele a abraçou de maneira protetora.

— Desceram por uma corda lá do telhado... Eu vi tudo e pensei que nunca fosse... chegar aqui a tempo... Ele ia... durante o sono...

— Calma. Felizmente você chegou a tempo e mais uma vez salvou minha vida. — Depois de acalmá-la com palavras carinhosas, ele se afastou um pouco. — Preciso ver o que aconteceu. Não se mova até eu voltar.

Deixando Elma sentada à beira da cama, foi até a sacada, onde permaneceu por alguns minutos sem dizer nada.

De repente, ela teve a impressão de que tudo não passara de um pesadelo. Por outro lado, se ela houvesse de fato matado um homem, aquilo teria sérias conseqüências.

Soltando um longo suspiro, o marquês deu meia volta e caminhou até ela, uma expressão enigmática no olhar.

— Você foi muito corajosa, Elma— disse ele, calmo. — Meu primo, Roxford, está morto. Ninguém pode cair desta altura sem quebrar o pescoço.

— Eu... eu o matei...

— Não! Apenas o assustou. A bala que você disparou acertou o batente da porta e não atingiu De Ville.

Incrédula, ela o encarou, incapaz de articular uma única palavra.

Adivinhando-lhe os temores, o marquês enlaçou-a pela cintura e levou-a até a porta.

As cordas que haviam prendido o corpo de Roxford encontravam-se caídas no chão, e o lugar onde a bala se cravara na madeira estava rachado.

Aliviada por saber que não matara ninguém, ela repousou a cabeça nos ombros do marquês.

— Não quero vê-la envolvida de modo algum nessa história, Elma. Amanhã encontrarão o corpo de meu primo e também as cordas. Direi que Roxford talvez tenha perdido o equilíbrio ao descer do telhado e caído,

— Todos sabem que ele... queria matar você.

— Oficialmente ninguém precisa dizer isso. Alegarei que meu primo se divertia em subir nos telhados à noite para pregar peças nos outros. Ele deve ter caído porque havia bebido em excesso.

— Será que acreditarão nessa história?

— Tenho certeza de que sim.

— Agora está seguro mas será que não tentarão atacá-lo outra vez?

— A seu lado, estou sempre seguro. Já me salvou duas vezes!

O marquês fitou-a com ternura e, como que enfeitiçado pela luz do luar, tocou-lhe os lábios num beijo apaixonado, suave, sem pressão e sem posse. Um beijo igual aos que ela sonhava receber em suas fantasias românticas.

Envolvida pelo calor dos braços do marquês, ela se entregou de corpo e alma àquela carícia. Sentia-se envolvida por uma mágica poderosa e tinha a impressão de que, se erguesse as mãos, conseguiria tocar a lua e as estrelas.

Foi um momento tão perfeito e sedutor que ela se esqueceu do mundo ao redor, aninhando-se cada vez mais contra o peito másculo do marquês.

No entanto ele logo recuou e, deixando escapar um suspiro profundo, murmurou com voz rouca:

— Agora vá para a cama e esqueça o que aconteceu. Ninguém deve saber que estive em meu quarto esta noite.

Num esforço sobre-humano para se controlar, ele a conduziu até a porta, onde tornou a recomendar:

— Faça o que eu lhe disse.

No instante seguinte, Elma viu-se no corredor, andando lentamente de volta aos seus aposentos, os pés afundando-se no tapete macio.

Não conseguia raciocinar com clareza e sentia-se envolvida num turbilhão de emoções indescritíveis, guardando ainda nos lábios a maciez do toque do homem amado.

Em seu quarto, a luz pálida que invadia o ambiente através da janela era a única prova de que tudo não passara de um sonho.

Rapidamente, Elma entrou debaixo das cobertas, fechou os olhos e adormeceu pensando nos beijos do marquês.

Na manhã seguinte, a criada de quarto de Elma veio acordá-la mais cedo que de costume, os olhos brilhando de excitação.

— Oh, senhorita, há uma agitação lá embaixo... Todo mundo está alvoroçado!

— Que aconteceu? — perguntou Elma, com forçada naturalidade.

— O primo do marquês caiu do telhado e foi encontrado morto no jardim.

— Que coisa horrível! Mas o que ele estava fazendo lá?

— O sr. Hickson disse que ele andava aprendendo acrobacia com trapezistas de Vauxball Gardens.

Na certa, Hickson sabia a verdadeira razão daquela morte, embora devesse ignorar a participação de Elma no caso.

— A propósito, senhorita, o marquês lhe recomendou que não descesse antes de o corpo do Sr. De Ville ser removido pelos funcionários da agência funerária.

— Está bem, Katie.

Recostada contra os travesseiros, Elma analisou que já não haveria pressão para o marquês casar, o que deixaria Marilyn bastante desapontada.

Então, um pensamento assustador assaltou-a. Mesmo sendo um homem de péssima reputação, Roxford de Ville era parente do marquês e agora Favian e sua irmã estariam de luto. Isso queria dizer que lady Langdon não iria mais levá-la a bailes, pelo menos até depois do funeral.

"Terei de voltar para casa...", pensou Elma, sentindo-se frustrada. "Não suportarei dizer adeus ao marquês e deixá-lo..."

À hora do almoço, lady Langdon comunicou-lhe que não receberia convidados naquela tarde. Assim, ambas almoçaram sozinhas. Não havia sinal do marquês.

Durante todo o tempo, lady Langdon não falou sobre outra coisa a não ser o estranho comportamento de Roxford de Ville que terminara naquele acidente horrível. Ela não parecia sequer suspeitar das intenções sinistras do primo.

— De Ville sempre foi um homem imprevisível. Por que iria andar na companhia de ciganos e trapezistas?

— É mesmo estranho...

— Quando vi Favian esta manhã, ele disse que era óbvio que Roxford havia bebido demais e não tinha domínio de seus movimentos. Além disso, considerando seu modo de vida desregrado dos últimos tempos, só poderíamos esperar que ele morresse nas mais estranhas circunstâncias. Devemos agradecer a Deus por não ter acontecido coisa pior.

— Sim... claro — concordou Elma.

— Vou conversar com Favian e ver quais são os planos. Não quero cancelar mais festas do que o estritamente necessário e exigido pela etiqueta. Ninguém vai guardar luto por um homem como Roxford, nem seus parentes. — Dito isso, lady Langdon

levantou-se para sair da sala.

Quando as duas chegaram ao hall, ela falou para o mordomo:

— Quando Sua Senhoria voltar, diga-lhe que a Srta. Brooke e eu estamos na biblioteca.

— Está certo, milady — respondeu o mordomo.

Em outras circunstâncias, Elma ficaria exultante e escolheria um livro para ler. Naquele momento, porém, em sua mente só havia lugar para o marquês.

Sabia que o beijo que ele lhe dera na véspera fora apenas um gesto de gratidão, mas desejava vê-lo a qualquer custo.

"Não me comportarei de forma a deixá-lo embaraçado!", pensou Elma, preocupada. "Se me atirar em seus braços, ou demonstrar que o amo, estarei agindo como as mulheres que ficam pavoneando à volta dele e ele logo se cansaria de mim..." Passados alguns minutos, lady Langdon deixou de lado a revista que lia e declarou:

— Não tenho nada para fazer e, como fomos dormir muito tarde, acho que vou subir e descansar um pouco. Diga a Favian quando ele voltar que, se tiver alguma coisa importante para me dizer, pode mandar me chamar. Senão, descerei só para o chá.

— Pode ficar tranqüila.

Antes de sair, lady Langdon virou-se uma última vez na direção de Elma.

— Está lembrada de que lorde Wilchester virá visitá-la? Acredito que ele chegue às três horas, que seria o correto para tais visitas. Em seguida afastou-se, sem que Elma pudesse dizer qualquer coisa.

"Não posso ver lorde Wilchester! Se ele me pedir em casamento e eu recusar, será embaraçoso para nós dois. É melhor impedi-lo de falar comigo!", decidiu Elma, assim que ficou a sós.

Ato contínuo, tocou a campainha chamando o mordomo e ordenou:

— Estou esperando por lorde Wilchester mais ou menos às três horas. Quando ele chegar, por favor, informe-o de que dadas as circunstâncias não poderei recebê-lo.

— Sim, senhorita.

Nesse momento, o marquês entrou na biblioteca. Estava mais elegante do que de costume, e Elma sentiu-se perturbada.

— O que há? Não está querendo receber alguém? — indagou ele.

— A Srta. Brooke acha que lorde Wilchester virá visitá-la, mas informarei Sua Senhoria de que ela não poderá recebê-lo — explicou o mordomo, antecipando-se.

— Sim, por favor, faça isso — concordou o marquês. Assim que o mordomo saiu e fechou a porta, o marquês caminhou até Elma, que o fitava de modo intenso.

— Você está bem?

— Sim...

— Mas não quer ver lorde Wilchester... Por quê?

— Achei que... não ficaria bem recebê-lo hoje.

— É esse o único motivo?

— Na verdade, não queria recebê-lo a sós.

— E por que não?

Desviando o olhar, Elma mordiscou os lábios e permaneceu em silêncio.

— Espera que ele a peça em casamento? Minha irmã me deixou um bilhete dizendo que lorde Wilchester queria vê-la a sós.

— É isso mesmo...

— Lorde Wilchester é uma figura importante nas altas rodas sociais. É um homem que todos os outros respeitam e admiram. Duvido que exista partido melhor.

O marquês falava do mesmo modo arrastado e indiferente que usara na primeira vez em que conversara com ela, e cada uma das suas palavras feria Elma no mais fundo da alma.

— E então? Vai aceitá-lo? Estou interessado em saber.

— Embora sua irmã ache que eu deva fazê-lo... isso será impossível.

— impossível? Por quê?

— Porque... não o amo.

— Você acha que o amor é mais importante do que tudo que ele tem para lhe oferecer? Dinheiro, posição, segurança, enfim, tudo que uma pessoa almeja...

— Pode me achar uma tola... mas não me casaria com um homem sem amá-lo.

— O que você sabe do amor? Fui eu o primeiro homem a beijá-la!

Enrubescendo, Elma teve vontade de fugir, impedindo que aquele interrogatório continuasse.

— Como sabe que não ama nenhum dos cavalheiros encantadores do *beau monde*, que estão sempre ao seu redor?

Trêmula, ela preferiu manter-se em silêncio. A última coisa que faria era revelar ao marquês os seus verdadeiros sentimentos.

— Ontem, quando a beijei, Elma, achei que foi um beijo muito diferente do primeiro que lhe dei. Mas jamais me esqueci daquele primeiro encontro, que me deixou enfeitiçado.

Surpresa, ela o encarou, os lábios trêmulos de emoção.

— Depois do beijo de ontem, soube que você amava alguém, mas estava receoso de admitir isso. Como estávamos sob a emoção do acidente, gostaria de verificar hoje se sentiremos algo diferente ou até mais maravilhoso...

Avançando alguns passos, o marquês tomou-a nos braços e, inclinando a cabeça, tocou-lhe os lábios num beijo ávido, insistente, que denunciava seu desejo de possuí-la, fazendo-a completa e inteiramente sua.

Maravilhado com a descoberta de que ela o amava e lhe entregava seu coração e sua alma, Favian beijou-a inúmeras vezes.

Minutos mais tarde, quando seus lábios se separaram, ele ergueu a cabeça e disse numa voz profunda e emocionada:

— Você é minha! Como pôde permitir que outro homem ousasse pensar em pedi-la em casamento? Você me pertence desde o primeiro momento em que a vi.

— Eu o amo, Favian. Eu o amarei para sempre. ..

— O que fez comigo, querida? — perguntou ele, sorrindo. — Sei a resposta: você me enfeitiçou e não posso escapar à magia que exerce sobre mim. Acredito que me prendeu sob os seus poderes mágicos no instante em que arrancou a ferradura do meu cavalo.

— Não foi magia... É que, sendo tão rico, você jamais precisou fazer uma tarefa tão sem importância.

— Foi magia, sim! Quando a vi, pensei que fosse uma figura saída de um sonho.

— Mentira! Confundi-me com uma vendedora de leite.

— Mas estava enganado. Devia ter percebido logo que havia ficado preso a seu sortilégio e jamais poderia escapar desse encantamento.

— Se sou mesmo uma feiticeira, isso só se revelou depois que você me beijou.

Em resposta, o marquês tornou a beijá-la. Nada podia ser mais arrebatador e maravilhoso do que as emoções que esse doce contato despertava em ambos.

— Mal acredito que isso não seja um sonho... — murmurou ela, mais tarde. — Em momento algum imaginei que pudesse me amar como eu o amo.

— Quando a vi representar tão mal aquele papel para me impressionar no bosque, soube que você era a pessoa que eu estivera procurando por toda a minha vida.

— Percebeu que eu estava... mentindo?

— Não tive a menor dúvida! Como se eu já não soubesse que sua prima jamais assistiria uma velhinha em seu leito de morte... Ela também jamais arrastaria um homem ferido para fora de um bosque mal-assombrado.

— Marilyn queria muito casar com você.

— Eu nunca me casaria com ela. Na verdade, eu estava decidido a não me casar.

— Foi isso que sua irmã me contou.

— Mas não tenho proteção alguma contra magia.

— Não diga isso! Eu não suportaria pensar que fiz alguma coisa para conquistá-lo, ou para forçá-lo a fazer o que não deseja.

— Querida, vou me casar com você porque a amo! — falou o marquês, puxando-a para si.

— Mas... você me trouxe a Londres para... conhecer outros cavalheiros.

— Eu sabia que a amava, mas quis lhe dar a chance de escolher outro homem.

— Por quê?

— Veja bem, como já havia sofrido uma desilusão, pensei que as mulheres fossem todas iguais e estivessem prontas a se vender pelo lance mais alto. Noto que elas se interessam pela posição que eu possa lhes oferecer, e não me vêem como homem apenas.

— Amo você como homem! Preferiria que não fosse um marquês, mas uma pessoa comum... Assim eu cuidaria de você pessoalmente. Amo-o tanto! Amo da mesma forma que mamãe ama papai. Para eles, só o amor é importante.

— Percebi isso quando estive em sua casa, nunca vi duas pessoas tão felizes como seus pais.

— Suponha que eu tivesse prometido casar com lorde Wilchester...

— Então, eu preferiria perdê-la, pois iria achar que estava dando mais importância ao dinheiro e à posição do que ao amor.

— Já sabia... que eu o amava?

— Querida seus olhos são muito expressivos. Eu notava que, quando me fitavam, seus olhos se iluminavam, brilhando de um modo diferente.

— Eu não sabia que o amava. Só descobri isso quando compreendi que fora o amor que me deu forças para arrastá-lo do Bosque das Bruxas até a estrada.

— Foi o amor que a impeliu novamente a me salvar ontem à noite.

— Fiquei em pânico pensando que fossem matá-lo.

— Estou vivo. Não haverá mais perigo nos ameaçando. As fadas, elfos e ninfas nos quais você acredita nos protegerão para sempre.

Emocionada, Elma inclinou a cabeça e ofereceu-lhe os lábios entreabertos, num gesto que fez o olhar do marquês incendiar-se de paixão.

— Eu a adoro! Amo tudo em você: seu coração, sua bondade, o modo como se

preocupa com todos.

— Também o adoro. Você é tudo para mim. Reúne em si a beleza do mundo inteiro, do céu, das estrelas, do luar...

O beijo que se seguiu interrompeu essas palavras apaixonadas, transportando-os para um mundo muito particular, onde só existia lugar para o imenso amor que os unia.

Momentos mais tarde, Elma encontrou-se sentada no sofá, a cabeça apoiada nos ombros do marquês.

— Agora, querida, que sabemos que nos amamos, podemos nos casar, mas discretamente. A menos que você queira uma cerimônia de gala, com toda aquela parafernália de damas de honra e um grande número dos chamados "amigos".

— Para ser franca, prefiro um casamento simples, na presença dos meus pais e de Peter. Não desejo a presença de pessoas de riso falso ou invejosas.

— Como pode ser tão perfeita... Nenhuma outra mulher diria isso.

— Mas é o que penso. Não suportaria estar ao lado de pessoas que me detestassem ou me invejassem porque tenho seu amor.

— Então lhe direi quais são os meus planos. Vamos nos casar em segredo, só na presença de sua família. Quando souberem que nos casamos, já estaremos longe, em lua-de-mel.

— Oh, seria maravilhoso!

Na igreja, decorada pela Sra. Brooke com inúmeras flores brancas, Elma entrou de braços dados com Peter.

Voltara de Londres há dois dias com a desculpa de que a família do marquês estava de luto e emocionara-se ao se despedir de lady Langdon.

— Estou tão triste por vê-la partir, querida. Pode deixar que vou convencer meu irmão a convidá-la novamente, assim que termine o verão. Não será tão alegre como agora, mas haverá bailes e reuniões. Adorarei recebê-la outra vez.

— É muita bondade sua — respondera Elma, acanhada por estar mentindo.

Entretanto, Faviam dissera que, se convidasse sua irmã para o casamento, teria de avisar a todos os outros parentes, o que nenhum dos dois desejava.

— Tem certeza de que quando nos casarmos deixará de ser cético e indiferente? — perguntara ela, durante a viagem.

— Você é a feiticeira que me transformará. Se não fizer isso, duvidarei de seus poderes.

— Agora está me assustando.

— Amo-a demais! Mas há muito o que descobrir sobre nós dois. Conhecemos só uma parte do *iceberg* e precisamos explorá-lo melhor... Quanto ao amor, tenho muito para lhe ensinar, minha querida. Esse também é um assunto muito extenso.

Quando contara aos pais que iria casar com o marquês, a princípio eles se haviam mostrado atônitos. Depois, percebendo o quanto Elma o amava, ficaram radiantes.

— Sempre rezei para que tivesse um marido bom, que a amasse! — dissera a Sra. Brooke. — Deus não poderia deixar de ouvir as minhas preces. Vocês serão tão felizes como eu e seu pai.

No dia seguinte, o vestido de noiva de Elma chegara de Londres. O marquês escolhera um modelo maravilhoso, confeccionado em musselina branca, bordado com pequenos pingentes de pérolas no centro. Na grinalda, diamantes formavam flores sil-

vestres, e a renda era tão linda e delicada que parecia ter sido tecida por mãos de fada.

Quando Nanny pusera o véu branco sobre o rosto de Elma, havia lágrimas nos olhos da velha governanta.

— Você parece uma das fadas vinda do bosque.

— É assim mesmo que quero parecer — respondera a jovem, emocionada.

Lembrando-se de tudo isso, Elma seguia pela nave da igreja, apoiada no braço do irmão, que sorria feliz. Seu pai estava de pé em frente ao altar, e sua mãe, ajoelhada em um dos bancos da frente.

Como que envolvido por uma luz celestial, o marquês a esperava ao pé do altar.

Depois de cortarem o bolo que Nanny preparara, Elma retirou-se indo até o quarto, onde colocou um traje de viagem.

Dali a minutos, os noivos partiram para a viagem de núpcias. O marquês ficara hospedado a apenas três quilômetros de Little Brookfield, o que lhe permitira chegar cedo à igreja, sem que ninguém notasse.

Agora, os dois passavam pela casinha da sra. Burles. Elma viu Ben debruçado em uma das janelas. Na certa, ele seria o primeiro a espalhar a notícia de que algo diferente acontecia no lugarejo.

No entanto, quando a notícia viesse à tona, ela e o marquês já estariam em lua-de-mel, na afastada casa de campo onde ele passara os "melhores anos de sua infância."

— Os bosques também significaram muito para mim, querida, jamais comentei isso com alguém, pois sei que não compreenderiam. Mas quero lhe mostrar os lugares que sempre amei — disse o marquês, de repente.

— Feiticeiras e fadas amam os bosques.

— E diabos?

— Não diga isso se referindo a você. Agora você é um arcanjo.

— Vamos fazer uma exceção para as corridas de cavalos. Mas vou ter mais sorte ainda com você ao meu lado!

Sem encontrar palavras para expressar sua felicidade, ela se inclinou e beijou-o nos lábios.

Naquela noite, deitada no enorme leito com dossel, onde todos os marqueses de Deverille haviam dormido por muitas gerações, Elma aconchegou-se mais ao homem maravilhoso que tinha a seu lado.

— Ainda acordada, minha querida?

— Acho impossível dormir, estando tão feliz!

— Tem certeza de que não a machuquei? — perguntou ele, trazendo-a para mais junto de si. — Você é tudo para mim e é delicada como uma flor. Fico receoso de magoar uma criatura perfeita demais para ser humana.

— Adoro você! Quando fez amor comigo, senti as mais gloriosas emoções... Foram momentos de magia... Sabe, em Londres olhei certa noite para o céu e pensei que a lua estivesse tão fora do meu alcance quanto você. Acreditava que você me dedicava apenas gratidão.

Virando-se, o marquês fitou-a nos olhos, observando os reflexos que a luz tímida da vela espalhava ao redor, dando a Elma uma aparência quase etérea.

— Como poderei explicar o quanto significa para mim? Você me devolveu todos os sonhos, ambições e ideais que me alimentavam quando eu era mais jovem.

— Quero que tenha tudo isso de volta, meu amor. Amo-o mais e adoraria lhe dar

o mundo de presente.

— Já me deu muito! Quero que nossos filhos aprendam a valorizar as boas qualidades, e não o lucro e as coisas materiais que o dinheiro pode comprar.

— Se todos empregassem o dinheiro de maneira correta, haveria mais pessoas felizes. Ontem, papai comentou que a madeireira já está em atividade e vinte e cinco homens foram empregados. Talvez haja vaga para mais alguns. Além disso, desconfio que você e Nanny fizeram algum arranjo, porque nunca vi a despensa lá em casa tão cheia de coisas deliciosas.

— Acho que não devia intrometer seu lindo narizinho no que não lhe diz respeito.

— Por isso, digo que você é um arcanjo. A cada dia que passa, amo-o mais.

— Você é que possui um poder irresistível, do qual homem nenhum pode escapar.

— E quer escapar?

— Sabe a resposta, querida. Como pude pensar que era feliz, antes de encontrá-la?

— Não me parecia nada feliz!

— Eu não confiava em ninguém. Achava que todos agiam com segundas intenções. Depois, você entrou em minha vida como uma estrela caída do céu... e tudo se transformou!

— Quero vê-lo sempre feliz e otimista!

— Tendo seu amor, nada me magoará. O amor, querida, é o poder mágico que nos deixa enfeitiçados agora e por toda a eternidade!

— Não há palavras para dizer o quanto você significa para mim!

— Para que palavras?

No instante seguinte os lábios dele subjugaram os de Elma, que sucumbiu à doce sedução do toque das mãos de Favian em seu corpo jovem, ardente de desejo.

Favian a fazia experimentar sensações indescritíveis e ambos se elevaram até a lua, onde ficaram, invejados pelas estrelas. Ali, reinava apenas o amor... O amor que os manteria encantados até o final dos tempos.



QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de 350 milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia. A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos desta autora, que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora e teatróloga. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isto, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidente da Associação Nacional Britânica para a Saúde.